

ASSIGNATURAS
 ANNO 20\$000
 SEMESTRE 12\$000

Numero avulso 500 rs.

OS ANNAES

ESCRITORIO
 RUA DO OUVIDOR, 113 (Sub.)

OFFICINAS
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

INTERIOR

Seria occasião para entusiasticos parabens ao Congresso pela reforma eleitoral, se nos não resfriasse o impulso patriótico a dolorosa experiencia do valor dessas reformas, na essencia excellentes, muito bem intencionadas, e, na pratica, absolutamente deturpadas.

Não basta que a lei seja um padrão de sabedoria; é essencial que seja executada, que não vá jazer no cemiterio das letras mortas, tão vasto e tão cheio que um humorista suggeriu, como medida de extraordinario alcance, a promulgação de uma lei, armada de sanção despótica, mandando executar as outras leis, olvidadas umas, desmoralisadas a maior parte.

A recente lei foi concebida sob os melhores auspícios. Fadas de magico prestigio, as mais reputadas por artes e manhas nos mysterios da politica, lhe presidiram o nascimento, — fazendo-lhe poderosos dons contra os caprichos dos destinos e outorgando-lhe a faculdade maravilhosa de expurgar a representação nacional dos vícios herdados de uma ascendencia de fraudulentos, perdida na sombra de um vergonhoso passado de trapaças e traumas.

Mas, a dolorosa lição destes quinze annos de democracia nos faz estremer pelo futuro da recém-nada, tão catita, tão semelhante aos paes, (benza-a-Deus) e nos inspira o agouro de que ella não logrará existencia venturosa e rica de fructos bemfazejos, se a não levar á pia baptismal o padrinho todo poderoso, cujo aceno reorganisa e restaura, domina as forças, as energias de todo o organismo politico; regula o bom e o mau tempo; engendra dias negros, tempestuosos, dias de glorioso sol primaveril, neste paiz de mandachuvas, endurecidos na despótica vesania de fabricantes de unanimidades para uso e abuso de inconfessaveis interesses.

Esses frequentes remendos no processo eleitoral têm sido absolutamente inúteis; têm sido emendas peiores que os sonhos de legisladores empanzados da lymphá de Castalia, poetas caluniados pelo sympathico e venerando mineiro, que lhes imputou, cru-

elmente, os desastres da politica; têm sido meias-solas em velhos sapatos desformes, contorcidos, a magoarem os callos precoces dos divinos pés da Republica.

Se lhes assistisse á execução o patrocínio do omnipotente padrinho, as leis remendadas seriam boas; não teriamos eleições com chapas completas, sophismando o terço, garantido pela Constituição caduca, não teriamos a fraude, triumphante com ominoso escandalo, no seio do Congresso, nem se effectuaria esse medonho divorcio da politica e da moral, justificando todos os crimes, e nos estigmatando com o labéo de um povo corrompido.

E' para esse padrinho que voltamos o nosso olhar de supplicante, invariavelmente, indeferido. Valha-nos elle, e a reforma será excellente. Continúe a fazer vista grossa e ella será pessima. Predominarão os funestos casos, que podem mais que as leis.

* *

EXTERIOR

No Oriente

O desastre da offensiva de Kuropatkine, produzindo uma forte impressão de desanimado, na Russia, determinou a partida, tanta vez adiada, da esquadra do Baltico, cuja viagem se iniciou sob os máus auspícios já conhecidos.

A opinião dominante era que os japonezes venciam por serem senhores do mar, e a manutenção dessa superioridade naval era a condição essencial da victoria final. Nada se podendo esperar dos destroços da esquadra do Pacifico, parte encerrada em Porto Arthur, acossada pelo constante chuva de obuzes japonezes, parte insignificante em Wladivostok, que será em breves dias um porto interdito pelo gelo, era de extrema necessidade lançar mão de um recurso heroico — defrontar com a tradicional bravura russa, as dificuldades da travessia de 12.000 milhas maritimas, de Libau a Wladivostok, ou do Baltico ao mar do Japão.

Resta saber se essa esquadra, transporá todos os obstaculos de viagem, entre os quaes avulta o fornecimento de carvão; e, sem uma base de operações, se poderá medir com o adversario formidavel, aguerrido em varios encontros.

Pelos calculos mais certos, a esquadra do Baltico somente em 15 de fevereiro poderá chegar ao theatro da guerra. E, até lá, quantos factos, quantos accidentes influirão para alterações profundas no plano de campanha?...

A esquadra em viagem dispõe de sete coirçados — *Boradino*, *Alexandre III*, *Sisson-Veliky* e *Nacarino*, os quatro primeiros muito poderosos, do typo do *Czarewitch*, em condições de igualdade com as unidades similares do inimigo, não contando o valor do material, nem a pratica das equipagens. O *Ostablia* do typo do *Peresviet*, cala 12.000

toneladas; mas a sua coirça e grossa artilheria são fracas. Os dois ultimos coirçados vêm de 1890 a 1894; deitam 16 nós e têm a artilheria mal protegida, não podendo lutar com os coirçados japonezes.

A desproporção entre os cruzadores coirçados é desanimadora — elles são dois apenas — o *Nakhimoff* e o *Dimitri-Donskoi*, veneraveis anciãos de 1883 e 1885, que, em vão, tentaram rejuvenescer. Serão impotentes diante dos similares japonezes de 10.000 e 7.000 toneladas, sendo o mais velho construído em 1898.

Os cruzadores protegidos — *Aurora*, *Svi-etlana*, *Izumrud*, *Lenschuy* — são notaveis em rapidez, mas o seu armamento, excepção feita do *Aurora*, é muito deficiente, ao passo que os japonezes dispõem de excellentes armamento.

Quanto a torpedeiras — os russos dispõem de sete contra mais de cincocuta do almirante Togo.

Desse quadro se deduz que as probabilidades de successo dessa temeraria empreza depende de grande somma de hypotheses favoraveis, que os defensores de Porto Arthur, agonisantes nos ultimos reductos, resistam, que os destroços da esquadra do Oriente possam ajudar a esquadra do Baltico e que a estrella de Kuropatkine se torne propicia.

Nestes ultimos dias, não temos noticias das forças belligerantes, que continuam muito proximas fortificando as respectivas posições e preparando-se para uma grande batalha. Porto Arthur estrebucha nos derredores alentos da gloriosa defeza.

* *

OS NOSSOS VISINHOS

Estão muito indignados os Argentinos com os protestos da nossa imprensa contra as desleaes manobras tendentes a desviar a emigração para o Rio da Prata; e renovam as seguranças das boas intenções que os animam. Assim devêra ser, mas nós deduzimos dos factos, infelizmente verdadeiros, as nossas legitimas reclamações.

Em todo o caso, seria de grande beneficio ás relações cordias das duas republicas, suffocasse a nossa grande visinha os resquícios de um velho odio impenitente que, por qualquer pretexto futil, esguicha, irrepresivel, uma ciumada caduca, porque os dois povos podem proseguir na conquista de seus idéaes, sem collisões; tão vasto é o campo de acção para o desenvolvimento dos abundantes elementos de progresso de que dispõem.

E o voto do Brazil, voto sentimental, mas sincero, se manifesta sempre pela união das grandes republicas em beneficio da civilização e gloria da America do Sul.

Na America do Norte

Roosevelt triumphou, sendo reeleito por grande maioria. Seu competidor, o juiz Parker, endereçou-lhe o seguinte telegramma: « O povo, por seus suffragios, approvou a vossa administração.

Acceitae as minhas felicitações. »
 Que maguifico exemplo !...

O CULTO DO UNIFORME

Rio, 2 de novembro de 1904.

Meu querido amigo.— Recebi a tua adorável carta, datada de Nancy. Imagina quanto prazer tive, lendo as impressões da França militar, apanhadas ahí, nesse ponto da fronteira, onde se concentra tudo quanto a velha patria gauleza tem de mais illustre em suas refulgentes armas!

Triste a situação do official brasileiro, isto é, do official, daquelle que tem sentimento da sua profissão, que ama, sobre todas as cousas, a bandeira de sua patria e o uniforme de seu regimento!

Nós vivemos mais das impressões de fóra.

A vida, materialmente levada, temol-a aqui, nesta banalissima existencia de quartéis e de escolas, sem enthusiasmos, sem vibrações; espiritualmente comprehendida, passamol-a fóra de nossa terra, na delicia dos livros estrangeiros e no goso das revistas militares que nos vêm da França, da Allemanha, da Belgica e da Argentina. Da Argentina!? Imagina tu com que dôr de alma eu confesso sinceramente que aprendo nas cousas militares da Argentina...

Mas, passemos á tua carta. Fallas de manobras, de exercicios, de livros, de fuzis, de canhões e da guerra russo-japoneza.

Eu sou sinceramente amigo dos francezes. Folgo muito, acolho com a mais viva satisfação todas as noticias que chegam ao Brazil, dos seus crescentes progressos militares. Inclino-me a crer que a geração dos Bonnal, dos Langlois, váe desaffrontar a França, dos crimes dos Bazaine, dos Canrobert, dos Mac-Mahon. *Yener oder Sedan?* Talvez Yener. Este é o meu juizo antecipado da futura lucta em que a França se desobrigará das ameaças, que o pobre De Wimpfeu atirou á face de Bismark, naquella noite terrível de Sedan, naquella lugubre sala da casa de Douchery.

Para esse estado do meu espirito, estimo ver contastadas pelo teu precioso testemunho, as informações que tinha da officialidade franceza.

Intellectualmente conheço-a muito; creio que deste ultimo decennio, poucas, muito poucas serão as grandes publicações militares da França, que eu não tenha devorado. O principio salutar da disciplina intellectual que desenvolve a iniciativa até os extremos, creou, em cada posto, definidas individualidades cheias de discernimento de vontade, e de acção. Depois, dentro daquella profusão de conhecimentos technicos, daquelles detalhes, daquelle rigoroso methodo de exposição, de estudo, em que se está educando a mocidade militar franceza, ha

uma grande alma que vibra pela Patria, um solido espirito militar, que funde num mesmo ideal todos os homens do uniforme.

Acima do potencial dos seus canhões, da bôa doutrina tactica, que se infiltrou no espirito dos chefes, formando os *principios de guerra* do exercito francez, elles têm uma educação militar aprimorada, tão aprimorada hoje que o sentimento de camaradagem entre os officiaes, e de subordinação através da hierarchia, poupará á França, desastres como o de 5 de agosto de 1870, em que a batalha se perdeu, pela falta de solidariedade dos generaes. O culto do uniforme é a manifestação exterior desses sentimentos. Tu, meu querido amigo, naras em tuas cartas, scenas que eu tenho divulgado, e em que se descobre bem quanto se ama a bandeira, nessa bella terra de França!

Eu sinto que essa é a primeira condição que um exercito precisa ter para afirmar sua grandeza. Os francezes, os allemães identificam o prestigio do uniforme com a veneração da bandeira. O official tem pelo seu dolman, pelos minimos detalhes de sua *tenue* o mesmo cuidado, o mesmo desvello que provoca a bandeira. Nada orgulha mais, desde o simples *gefrente* até os generaes, a um militar prusiano, do que vestil-o garbosamente. E ahí está porque nas ruas de Berlim, ou nos *boulevards*, em Pariz, uma tão viva sympathia acolhe o uniforme. Aqui, diante desse desprezo que a população tem do soldado, da pouca attenção que desperta um official, enxerga-se um innato sentimento de repulsa pela *farda*, quando ao contrario esse factó é determinado inconscientemente pelos proprios militares.

Nós impopularizamos e ridicularizamos o uniforme. O official brasileiro tem repugnancia em vistil-o e quando o veste, veste-o, quasi sempre, muito mal. Que série de voltas não dá aquelle guapo tenente para ir da rua Direita ao quartel-general, contanto que não passeie pela rua do Ouvidor as suas calças vermelhas?! Mas si uns têm esse horror pela exhibição do uniforme, outros não o poupam.

Usam-no, de dia, de noite, ao sol, ou á chuva; vestem-no indifferentemente, como se envergassem uma *japona* qualquer; mal se ageitam nelle e sahem á rua, desataviados, offerecendo-se, de tão grotescos que ficam, á galhofa dos transeuntes e ao lapis dos caricaturistas.

Tu conheces muito bem essas preciosidades da nossa terra. Nada me produz impressão mais dolorosa do que um militar sem garbo, e quantos, e quantos temos por aqui!? E' difficil encontrar um official desempenado. Um francez disse que a falta de *aplomb* dos nossos militares, pareceu-lhe um de-

feito organico; observára nos homens do paiz uma deformação physica, uma lentidão de marcha, que devem ter ficado como uma tara de raça.

Não me aprofundo nessas conjecturas; contésto apenas o factó. Predomina na nossa officialidade a falta de garbo. Os kepis deformam; os capacetes achatam, aniquilam.

Poder-me-has objectar que nós não fazemos absolutamente selecção physica, que pouco nos importa fazer official de cavallaria, um esquimáu de 1^m. Mas, eu não quero typos allemães ou francezes, que difficil seria encontrar entre a degenerencia do nosso brasileiro; resignemo-nos a ter más figuras; mas isso não quer dizer que eu me conforme, vendo vestir tão miseravelmente o uniforme. O modo capadoçal de trazer o *bonet*, pondo á mostra uma detestavel cabelleira de barbeiro, irrita-me, desespera-me, insulta-me.

Nós possuímos, incontestavelmente, no meio de uns individuos in differentes e desleixados, uma guapa officialidade que surge cheia de esperanças.

Ella váe reagir.

A correcção do uniforme não é uma *coqueterie*, é um dever. Não é preciso ir ao exagero, ao burlesco, no modo do militar vestir-se, para attingir esse garbo esse *aplomb*, que, em vez de uma simpies exhibição pessoal, é um modo de trazer dignamente as côres de sua Patria. Não servem, de certo, uns ares arrogantes de *sabreur*, olhares ameaçadores e pizadas quixotescas. Dentre de um uniforme sóbrio, pôde-se manter uma linha sufficientemente marcial e elegante.

Tu, meu querido amigo, pensas assim. Quantas e quantas vezes nós conversamos, combinando-nos para reagir contra esses habitos, contra essa indifferença, que se traduz francamente pelo desamor da profissão?

Depois attende a outra cousa. Outra observação que denota o desprezo que temos pelo uniforme. (Dolorosa confissão! Basta para condemnar um corpo de officiaes.) Nós, militares brasileiros, somos muito mal educados. Officiaes se encontram na rua, e pertencem á mesma corporação ou sejam de corporações differentes, raras vezes se cortejam.

Ora, como expressão de solidariedade affectiva, de sympathia mútua, não conheço nada mais estimavel do que o cumprimento reciproco a que se obrigam todos os que vestem o uniforme.

Longe de ser feita num rapido e elegante movimento, a nossa continencia é uma detestavel *gaucherie*...

Desgraciosamente, mollemente, ridiculamente, leva-se a mão, ora amplamente aberta, ora ligeiramente concava, ora fechada, com um dedo apenas livre, apontado erectamente para

o ar, até a vizeira do *kepi*. E tudo isso com um abandono que revolta, uma timidez e um desauimo que matam.

Mas, lembra-te que fazem isso os que ainda se comprimentam militarmente. Outros correspondem ás continencias dos soldados, tirando rasgadamente os bonets — *chapeau bas!* — Outros passam indifferentemente diante de seus camaradas, roçando-lhes o hombro, resmungando que esse typo é um idiota, e que é simplesmente aviltante andar a gente a saudar uns sujeitos que particularmente detesta. Isso é, até, um attentado á liberdade de consciencia!

Has de convir que profissão militar, assim comprehendida, exercito desse geito, é simplesmente uma farça.

Sem o cuíto do uniforme, sem o cul-tivo dessas regras, desses preceitos, que resumem a missão do soldado e que constituem a parte mais brilhante da profissão, creando em torno do exercito, o respeito e a sympathia das classes civis nós nos reduzimos a um bando de simples funcionarios publicos, méras peças da grande machina *burocratica* do estado.

* *

Mas, meu caro amigo, como vão longas estas linhas!

E que escrevi eu; que te disse de util, de importante, de verdadeiro e de real, até agora? Nada. Comecei assim: —recebi a tua adoravel carta datada de Nancy—e. deitei a sonhar, a sonhar. Sob a impressão suggestiva de tua prosa puz-me a fazer militarismo. Esquece tudo isso. Deixa Nancy; corre a Paris, a Bruxellas, a Haya, vae depois á Inglaterra; sacóde o pó dos teus livros, abre os tratados de philosophia; olha, vae ás conferencias, aos congressos. Que loucura! Officiaes que se occupam de fuzis, de canhões, de guerra. Que loucura! Manda-me noticias dos tribunaes de arbitragem e da paz universal.

Como a França está atrazada?! Nós somos super-civilizados. O nosso exercito não é um instrumento de guerra, é um factor de conquistar idéas abstractas! Estamos tratando de organizar as pequenas patrias. Mando-te pelo correio, dous artigos interessantes; um, tirei-o da revista—*Via Lucis*—da Escola do Realengo; trata, como verás, de atirar o ridiculo sobre a nossa bandeira; outro, é da revista *Luz!* da Escola de Porto Alegre; trata de demonstrar que a Paz Universal não é uma utopia. Que educação invejavel! Não, não ha duvida, temos um exercito luminoso!

Olha, espera um pouco, tenho outras noticias.

Amanhã, um major realizará no Club Militar uma importante conferencia sobre a inadiavel necessidade de adherirmos ao *desarmamento*. O caso tem causado escandalo; os jornaes

protestam e oppõem aos argumentos do nosso camarada os armamentos da Argentina. Mas qual! Para responder ao exercito do sr. Richieri, que tanto desprezo encontra aqui, não precisamos de canhões, não precisamos de esquadra. Digam lá o que disserem, eu ainda confio na eloquencia nacional. Socéga meu amigo; lembra-te que sobre os destinos da nossa terra correm dous grandes rios: um de agua doce, outro de palavras..

Temos discutido muito a vaccinação obrigatoria, é um assumpto interessantissimo para os militares. Não imaginas o somno que nos dão os jornaes da guerra, e as revistas *technicas*, que nos tens mandado. E' como se deres a um parteiro, um curso de artilharia.

Ora bolas, que paiz admiravel o nosso! A ninguem acudiu ainda, na França, manter um exercito permanente... de *philosophos*?

Adeus, meu amigo.

Teu *ex-corde*.

J. DE SOUZA REIS.

O ALMIRANTE

(6)

ROMANCE

POR

Domingos Olympio

CAPITULO III

E contou como vira passarem os grandes homens applaudidos, chacoteados, gloriosos e ridiculos, ignorados ou em excessivo destaque; uns guindados de repente, outros apeiados de surpresa, sem se saber porquê, sem motivo apparente, como se a razão de estado, o criterio da corôa fossem rebeldes aos impulsos da justiça, da logica; como se fosse uma força omnipotente indisciplinada, vária, incerta como o vento. Assim, não se atinava porque, estando no poder o partido conservador, com esmagadora maioria na camara, fôra esta, da noite para o dia, dissolvida e feito um appello á nação, quando nenhuma questão social, nenhuma importante medida de governo estava em jogo, quando nenhum accidente da politica indicavam o emprego dessa prerogativa da corôa, que desfechava a torto e a direito verdadeiros golpes de estado.

O Antonino ponderava-lhe, com fina observação dos factos, que esse systema arbitrario e violento, num governo, que se dizia parlamentar, de opinião, enfraquecia lentamente o prestigio da corôa, provocando essas opposições desabridas ou subserviencias humildes e, por fim, a dissolvente indifferença da grande maioria dos cidadãos, na qual a fraude eleitoral, as eleições officiaes feitas a bico de penna

ou pela Camara no ridiculo terceiro escrutinio, haviam apagado os idéaes e amortecido a fé nos principios. O Imperador, que não era homem de favoritismos, nem de *coteries*, teria razões pessoaes para assim proceder, razões que assentariam em solida base patriótica, como fosse evitar a consolidação de *olygarchias*, mas a verdade era que, na mór parte dos casos, ellas erão demasiado transcendentales ou intimas: não chegavam á percepção vulgar da razão das coisas.

Os resultados surgiam em lamentavel evidencia: já se não hesitava em atacar a propria augusta, inviolavel e sagrada pessôa do monarcha. Os mais vehementes e offensivos apôdos lhe erão assacados pela imprensa e da tribuna parlamentar. Já fallavam em despotismo mascarado no poder pessoal, affirmava-se que o Imperador reinava, governava e administrava, sem fazer caso da nação, nem dos partidos constitucionaes, tendo sempre á mão homens incolores, servidores obedientes para encarnarem, no governo, a sua vontade omnipotente de Cezar caricato, principe conspirador, meio jesuita, meio machiavel, um cordeiro governando como uma rapoza.

Quanta vez com as suas maneiras reservadas e timidas, o Antonino, que era um philosopho e um vidente, um mixto de veador e propheta, suspirava apprehensivo, exclamando conster-nado:

— Isto vae mal. O Imperador concentra demais e perturba a salutar harmonia dos poderes. Não será para admirar que, um bello dia, o mechanismo se desarranje, em consequencia da excessiva pressão, e o machinista seja victima do desastre.

Se sua magestade tivesse amigos sinceros, se os soubéra fazer, certo perceberia, com o conselho delles, os perigos que está engendrando. O Bom Retiro, unico homem que se poderia gabar de intimidade imperial, era um timido, muito honesto, muito sincero, mas não arriscava conselhos; insinuava, de longe em longe, uma ligeira observação, como se pensasse pelo Imperador, attribuindo-lhes as idéas que ousava emittir. Era um homem de valor, mas sem prepoderancia nas deliberações, sem intervenção directa nos actos da corôa.

O monarcha estava no topo da montanha num meio passivo; e, posto não fosse accessivel ás emanções inebriantes da lisonja, não percebia, senão através de prismas deturpados e, rara vez, nitidamente, os queixumes que atroavam no valle; não via, talvez pela demasiada confiança em sua força e prestigio, os elementos de desordem alastrando por toda a parte sem repressão, desenfreados, avasallando tudo e produzindo já symptomas assustadores, como esse resurgir da

idéa democratica afogada em sangue na sua ultima e mallograda tentativa de 1848, a separação do Norte, a federação das provincias e essa previsão sinistra de que o imperio acabaria com o derradeiro suspiro de Pedro II.

As ponderações de Antonino tinham sempre o tom de um dó sincero. Elle pensava que o caminho direito seria o mais seguro e o mais facil, que nada impediria dirigir o governo no sentido das aspirações nacionaes, contentar o povo, que pedia muito, mas ficaria satisfeito com uma qualquer coisa, como creanças que berram por uma mesa de doces e aquiétam com um biscoito. Que querem? Eleição directa, descentralisação administrativa, separação da igreja e do estado, casamento civil, secularisação do cemiterio, grande naturalisação, temporariedade do senado, um farto cardapio de orgia democratica? Pois dêmlhe a eleição directa: ficará a casa quiéta e não será alterada uma linha do systema de governo. Sua magestade não a decreta, porque não quer; porque é rotineiro e tímido para empreheuder innovações. Por isso, emprega o astucioso artificio de amordaçar os paladinos das reformas, chamando-os para juncto delle, deslumbrando-os com a visinhança da corôa ou sobrecarregando-os com a responsabilidade do governo. Esses, quando sobem os degráos das escadas do paço, mettem a viola no sacco; deixam lá fóra idéas e principios, e vestem desvanecidos a honrosa libré. E o povo, vendo emmudecerem os seus apóstolos, os verbéras de incapazes, esquecidos de realisarem no poder, aquillo que pregaram na opposição.

Estabelecia-se, dessa arte, um regimen de apostasias e adhesões sem fé, de servilismo sem fidelidade, que terminaria, forçosamente, num grande desastre irreparavel. —

A observação do pacato e discreto Antonino era verdadeira e lucida. Nunca se abalançara a communicar ao Imperador, porque este não gostava de conselhos espontaneos e jamais consultava os fiéis servidores acerca das questões de estado, senão *pro formula*, e insinuando logo a sua maneira de pensar.

— Vê aquelle sujeito baixo e gordo — continuou d. Eugenia — mostrando um recémvindo antipathico de grandes olhos estrabicos de uma asymetria horrivel — E' uma pustula, um homem apodrecido de vicios. O Imperador o detesta. E' um advogado administrativo de grande influencia politica; consegue tudo do governo. Comprou a pezo de oiro uma cadeira na camara. Foi um escandalo sem precedentes. —

Guilhermina experimentou uma forte impressão de asco do homem que entrava recurvado, dirigindo palavras gaguejadas e amaveis á baro-

neza de Cangaty, e familiaridades chateadas ao conselheiro Cleto.

— Aquelle monstro — acrescentou d. Eugenia — tem amantes, que são instrumentos politicos. Custa crer que haja mulheres bastante degradadas para acceitarem a sua côrte; ellas, entretanto, o adoram, como os politicos o temem: é um demolidor insinuante e manhoso. —

Nesse momento chegou o barão de Uberaba.

— Fiz-te esperar muito mulhersinha — disse elle, dilatando, num sorriso de satisfação, os grossos labios rôxos e polpudos como beringélas — Tive de falar com o Paulino. Que homem adoravel e fino naquella gravidade de esphynges. E' um conservador dos meus: quebra, mas não torce. Quer vir connosco d. Eugenia?

— Impossivel, meucaro barão. Ficarei até que o Antonino termine o honroso serviço de sua magestade a Imperatriz.

— Até logo, então — disse Guilhermina, beijando-a ternamente — Até á noite, sim? —

Caía a tarde tocando de tons rubros a paisagem do parque da Bôa Vista. O magnifico *coupé* dos Uberabas, em suaves balanços, rodava chiando pela alamedas de sapucaias. Emquanto o barão descalçava as luvas, em que o suor imprimia manchas negras, a formosa Guilhermina, embutida nos molles coxins de seda azul, numa postura de abandono fatigado, contemplava melancolica os cysnes que vogavam de manso nos lagos, procurando refugio nas moitas de bambús; outros descansavam na grama viçosa, tapetada de pennas brancas, catando-se com os longos pescoços flexiveis, como se se preparassem para a dormida. Pequenas marréas irriquiétas, soltando gritos estridulos, contrastavam com o silencio calmo e magestoso dos cysnes e das garças criteriosas, pousadas, em attitude scismadora de quem immerge com o pensamento nas profundezas do mysterio ou no amago de coisas transcendentales.

Ella meditava na tristeza da casa imperial, nessa tristeza que se expandia em torno, pelas alamedas, pelos jardins desertos, cumprindo o ambiente como a atmospha pesada e sombria de um cemiterio. Via sumirse o seu sonho de grandeza — brilhar nas eminencias com o seu espirito de escol e com os seus milhões, adorada como um idolo, ascendendo num nimbo de gloria, elevando comsigo o marido, galgando com elle as posições até á conquista da notoriedade, da fama, como os homens mediocres, que rodeavam o Imperador e pelos quaes elle tinha, como disséra d. Eugenia, particular predilecção, quasi um fraco.

O marido era um homem vigoroso, de aguda intuição dos negocios. Posto

não fosse cultivada a sua intelligencia, adquirira os habitos da alta sociedade e ninguem seria capaz de perceber nelle, correctamente vestido, com o peito constellado de condecorações e as grossas mãos enluvadas, o principé das feiras de Sorocaba. Era um homem feito por si mesmo, pelas suas energias excepcionaes, e seria muito mais se o ajudassem. Porque não poderia ser senador, ministro, como já era deputado?

Daria um excellent ministro da agricultura com a sua preciosa experiencia de lavrador, de criador, de garimpeiro, surgido das licções da lucta pela vida, muito mais uteis e efficazes que os processos theoreticos, as informações colhidas nos livros. Seria um ministro pratico, que daria forte impulso aos negocios da pasta, a mais importante do gabinete, onde se elaboravam as solidas bases da prosperidade do Brazil, que ella estava habituada a ouvir chamar paiz essencialmente agricola. Ministra, ella abria os seus salões; offuscaria com exuberante esplendor a propria côrte; attrahiria, como poderoso fóco luminoso, as senhoras formosas, os homens de talento, os homens de valor. Jornalistas, poetas, estadistas, industriaes, a creme das letras, da polica e da finança, viriam, encantados, render-lhe homenagem, e proclamariam o seu prestigio, as suas virtudes, os seus meritos de mulher forte, os seus dons de mulher bella. E ella seria uma rainha omnipotente na posse do sonho de gloria, na ebriedade dos supremos anhelos realisados.

(Continúa)

PAGINAS ESQUECIDAS

A MONARCHIA, SEGUNDO SILVEIRA MARTINS.

«Confesso, srs., isto que vejo é para desanimar um homem que tivesse menos fé do que eu no futuro da patria;—eu não tenho fé nas instituições. Depois do que annunciou o sr. barão de Cotegipe e do que pratica, depois do que ouvimos dos dessidentes e de como procedem, ninguem póde acreditar nas instituições. Na patria, sim, acredito eu, porque essa não morre, nem tem direito de morrer.»

Discurso pronunciado em 1875, contra o gabinete de 25 de Junho.

«O orador não é propheta, mas não acredita na regeneração deste paiz, porque os homens que o dirigem mostram e manifestam em todos os seus actos a sua incapacidade; o que querem são maiorias que os apoiem, e o orador já não tem mais fé no que possam dar os partidos militantes.»

De um discurso pronunciado em Junho de 1887.

«Contrahiu sua magestade o habito, que não mudará facilmente, de go-

vernar com a mascara constitucional».

«O governo é máu, o systema é máu e os governos que se têm mostrado covardes, fracos, incapazes sujeitam-se a tudo e sujeitar-se-ão sempre a este absolutismo, disfarçado, sob cuja pressão vivemos e é preciso acabar, para felicidade do imperio, onde só soffrem os fracos e campeiam os poderosos.»

«Srs., eu acho-me de todo ponto no polo opposto ao em que se achava Thiers; e digo que, si eu fosse contemporaneo da independencia ou pudesse dar á minha patria a fórma de governo da minha preferencia, antes de arremedar a Inglaterra, que tem uma nobreza de raça, antes de caricatural-a com barões de seus proprios nomes, dar-lhe-ia a fórma de governo da America do Norte, porque prefiro, em materia de fórma de governo, a republica á monarchia.»

«Creio que nada mais temos a esperar deste reinado, que nos leva fatalmente á anarchia.»

«Somos um miseravel rebanho de ovelhas.»

O THEATRO

Uma historia que me tem, de certo tempo para cá, bolido no miolo, é essa celebre questão da decadencia do nosso theatro.

E o que mais me arrepia, é ver gente de bom quilate, homem de certa conta, sair dos seus cuidados, para levar esta coisa a serio. Até Clovis Bevilaqua, até Alvares de Azevedo, até Silvio Romero, tiveram a ingenuidade de encher tiras e mais tiras de papel, para tratar do assumpto.

Adherbal de Carvalho foi quem mais tocou na alma da coisa. Acha a causa da decadencia do nosso theatro no nosso sangue.

Sangue de negro, cruzado com o sangue azul e o azul misturado com o caboclo, dão, calculem os senhores o que tudo isso dá? Dá macaco.

Dá, segundo o fazedor das *Ephemeris*, «a terrivel e pernicioso mania da imitação». Ora, isso é profundo como o diabo!

Por isso mesmo é que não vale nada. Outros acham as causas da decadencia na benevolencia da critica, na falta de estudos dos artistas, no abandono do theatro pela gente de talento, na falta de escolas, na falta de boas peças, na indisciplina, nas *reprises* e no jogo.

Mas, os senhores não me dirão o que quer dizer decadencia?

Conheço uma senhora que é a mulher mais feia deste mundo. E' horrivelmente gorda, tem as bochechas moles, os dentes podres, a pelle encarquilhada, a voz insuportavel.

Mas, ha poucos dias, um idoso, que-

rendo dar-me idéa da belleza passada da repolhuda senhora, affirmou-me que ella estava decadente.

Compreendi, e qualquer um dos senhores comprehenderia tambem. A senhora foi linda em moça, mais a idade foi chegando e a belleza decaiu.

Mas, se alguém por ahí, quizer me provar que o Padre-Eterno está decadente, levanto um grito de revolta e de protesto. O Padre-Eterno «foi um Deus sempre velho, um Deus sem mocidade», teve sempre a barba longa como hoje tem, a cabelleira branca como algodão...

Com o nosso theatro dá-se o contrario do que se deu com o Creador: foi sempre creança, um *bebé* enfesado, um anãosinho tristonho, que nunca deixou as mamadeiras e os coeiros.

Pode-se dizer que o bichinho decahira? Não. Devem-se procurar as causas que lhe fizeram a atrophia.

Quaes foram ellas? Se vocês soubessem a tentação que estou sentindo de fazer philosophia, seriam bem capazes de concordar commigo. Emfim, vamos lá.

Uma das causas da decadencia do nosso theatro é (não se riam que, se não é certo, bem pôde passar por verdadeiro) a estatua de João Caetano.

Explico-me. Nós somos um povo essencialmente descobridor. Ahí está o padre Gusmão, o Osvaldinho, Santos Dumont, o Lamarão e um rebanho de outros. Sabem porque isso? Porque a estatua de Cabral — o descobridor — está allí á vista, no caes da Gloria, para todo o mundo olhar.

E' um estimulo: todos nós anciamos a nossa figura em bronze e nos atiramos ás descobertas.

Mas, a estatua de João Caetano, encafuada naquelle becco escuro, não estimula ninguem.

(O sr. Henrique Marinho, na segunda edição do seu *Theatro Brasileiro*, queira ter a bondade de não se esquecer de mim).

Outra causa, a mais forte: a gente velha.

Conheço uma familia que é um assombro em intelligencia. Um dos rapazes deu para poeta. Foi uma alegria na casa, no dia em que um jornaleco lhe trouxe na primeira pagina um soneto agúado.

Um outro — para pintor. A mãe e avó não saíam das casas intimas, mostrando os quadros do rapaz.

O terceiro, um dia raspou o bigode, e preveniu a familia que iria entrar para o theatro. Rolo medonho! A mãe chorou, a avó chorou. Aquelle rapaz era a desgraça da familia, a desmoralização da raça! Os outros tinham puchado aos antepassados, tinham dado para coisa, emquanto elle iria para o palco fazer graça para o povo rir, pintar a cara como palhaço, dormir em deboche com as actrizes.

As nossas velhas acostumaram-se a achar o theatro um lugar de perdição, onde se passa a noite acordado, onde se beija e onde se é beijado.

Isso entranhou-se na nossa educação. Uma actriz para nós tem quasi sempre menos valor do que uma moça honesta, um actor é capaz de todas as baixezas. Um pintor, um poeta, um jornalista por mais devasso que seja, tem as honras de entrar em nossa casa, de dançar nos nossos bailes, de comer á nossa meza. Um actor não pôde; uma actriz. qual é a mocinha pudibunda que tem a coragem de dar a mão a uma actriz, na rua do Ouvidor?

A culpa é das velhas.

Até agora tenho falado de actores. Vocês hão de perguntar porque não temos autores. Pela mesma razão que onde não ha flor ninguem se enfeita.

João Caetano (embora o padre Severiano o negue) foi uma andorinha só que não fez verão. De lá para cá não temos tido nada.

Uma artista de quem devíamos esperar muita coisa era da sra. Lucilia Simões. Mas essa mesma (é de fazer raiva a gente) bateu as azas para Portugal.

Agora uma outra, a sra. Eliza de Castro, que, se não era em absoluto excelente, era comtudo uma boa actriz, acaba de morrer.

Oh! manes do theatro! Dai-o, que eu preciso de assumpto...

JUSTUS JUNIUS.

SCIENCIA E INDUSTRIA

PLANTAS ELECTRICAS

Do ponto de vista theorico, são muito interessantes as observações de phenomenos electricos nos vegetaes. As actividades electro-motoras, existentes nas diferentes partes das plantas, são devidas ás desigualdades chemicas das varias camadas das celulas, correspondendo não somente a estimulos mecanicos, como acompanhando manifestações na assimilação do dioxido de carbono no processo regular da nutrição.

Certas plantas, como a iris, a nicotina, a begonia, o nasturtium, são, extremamente, favoraveis a taes experiencias. Collocada uma dellas em connexão com um galvanometro por meio de electroides, ligados ás folhas por diferentes lados, exposto um delles ao sol e outro permanecendo na sombra, manifesta-se, dentro de alguns segundos após á exposição, uma corrente electrica de 005 a 02 volts da parte illuminada para a escura, a qual dura cerca de cinco minutos.

A corrente electrica das folhas verdes é menor na luz solar difusa, maior na refractada e ainda mais notavel na

luz direita. E' curioso accrescentar que a fervura em agua quente destróe a actividade electrica que não se encontra nas plantas, que não tem folhas verdes. Dahi, se deduziu a prova de que a producção de electricidade acompanha a assimilação do dioxido de carbono.

*
**

LAVADOR ELECTRICICO

Em Budapest, está sendo empregada, com muita vantagem, uma nova machina de lavar por meio da electricidade, sendo o sujo, manchas e gordura removidos por meio de correntes electricas. Essa machina póde lavar de duzentas a tresentas peças de roupas em duas horas sem o auxilio do homem.

*
**

FRUCTAS MEDICINAES

E' sabido que os morangos são excellente remedio para o rheumatismo, porque o acido salicilico que elles contém, é um especifico contra aquella molestia na fórma aguda. E' tambem certo que esse acido é um constituinte normal de quasi todas os fructos : encontra-se nas uvas, nas laranjas, maçãs, cerejas e ameixas, na proporção de 1.32 ^o/_o de gramma por um kilo de fructas.

Fructos frescos possúem propriedades antecorbuticas e contém sáes, que, rapidamente absorvidos, se transformam em carbonatos, mantendo um estado alcalino da economia e evitando a formação de depositos de acidos.

As jaboticabas são excellente hemostatico, vulgarmente empregado nas hemopthises e as laranjas são consideradas nutrição de primeira ordem para os tuberculosos.

*
**

O DINHEIRO ANTISEPTICO

A rainha Alexandra tem tamanha aversão aos microbios que não toca numa moéda, senão depois de ser esta cuidadosamente desinfectada.

O dinheiro para os gastos pessoas de sua magestade, é previamente mergulhado num liquido antiseptico e, depois desse banho, é que vae para a real bolsa.

Nas compras, os trocos são recebidos pela dama de honor que acompanha a rainha, e desinfectados quando regressam ao palacio.

Ao nosso papel moéda, reduzido, em pouco tempo, a um trapo repugnaute, tal é a vertiginosa rapidez com que circula, não se póde applicar esse benefico processo, tornando-se um dos mais perigosos vehiculos de molestias infecciosas, principalmente para aquelles que têm o detestavel habito de contal-o molhando os dedos na lingua. Seria de bom conselho, como prophe-

laxia, serem as notas, que entram para o Thezouro, substituidas por outras novas, como succede com o papel moéda em diversos paizes.

Para evitar as despezas exigidas por essa precaução salutar, o governo empregaria notas de baixo preço e de varias estampas, obtendo mais, por meio dessa substituição frequente, um excellente obstaculo á industria da falsificação, muito desenvolvida entre nós, e uma compensação ao immoralissimo lucro proveniente dos trocos com abatimento, como é feito nas substituição periodicas.

SUPPLICA

Se rezas ao Senhor,
Pedindo o que elle dê
De benção, de mercê,
De gloria, de valor ;

Supplica, em rezas taes,
P'ra alguem, que é infeliz,
O muito que elle quiz
E que não teve mais.

PEDRO RABELLO

JUSTIÇA DE MULHER

O coronel Ennes, garboso official do exercito, em serviço de sua afanosa profissão tinha que partir naquelles dias na expectativa, tão dolorosa para si como para a familia, de permanecer ausente do lar por praso mais ou menos longo.

O seu afastamento da mulher adorada que concentrava todo carinho na maneira cuidadosa de arrumar-lhe a bagagem, antevendo, commeticulosidade exaggerada, os mais insignificantes pormenores que tudo, numa circumstancia dada, poderia sanar um embaraço imprevisito, o afastamento, dizia eu, coincidia com o anniversario natalicio da esposa bem amada.

Apesar de ha muito consorciados e de varias separações breves, entre os dois esposos amorosos jamais se verificára a conjunctura lastimavel de, em tão festivo dia, estarem distantes um do outro.

Thereza, era-lhe esse o nome, não atinara até os ultimos dias anteriores ao seu anniversario com o doloroso d'aquelle factio.

Já curtia ella as saudades incalculaveis do marido, tão prodigo em ministrar-lhe as maiores felicidades, na vida conjugal constituidas, principalmente, pela certeza de que os conjugese prestam mutua fidelidade, quando deu accôrdo da proximidade de seu natalicio. Faltavam apenas quatro dias. Num assomo de indomavel amor proprio, Theresa se possuiu de vivo descontentamento imaginando que o ma-

rido, nas cartas que lhe dirigira não se refirira áquella data, e, consequente, mente, nem se lembrara do accaso de-pela primeira vez, após 15 annos de casados, verem separados o surgir de uma alvorada que, até então, era esperada, naquelle lar feliz, com a mais aguda anciedade.

Lagrimas profundamente sentidas correram-lhe pelas faces ; era esse o destino inevitavel que a sorte lhe guardara: assistir em vida, ainda no fulgor de sua belleza encantadora, na frescura de sua mocidade, ao esquecimento de sua propria pessoa por aquelle quem ella dedicava tão prodigioso affecto. As mulheres feridas de tal maneira perdem o dom do raciocinio ; o que cresce e se avoluma aos seus olhos, numa expansão sinistra e aterradora, é o receio de se verem olvidadas, substituidas por um novo amor, que ellas tornam ainda mais cobiçado porque lhes são o maior senão o unico estorvo.

Ella quiz, do vacuo em que se sentia, erguer uma prece a Deus ; dominava-a porém, intensamente, o odio á rival phantastica, creada pela sua imaginação desponderada, e no seu espirito, envolvido por aquella nuvem densa de ciume, o coronel lhe apparecia como a antithese solemne do homem que realmente era ; todas as maldades moravam-lhe agora no coração, todas as indignidades floresciaam naquelle ser obliterado e perverso.

Passaram-se morosos os dias, Theresa estava na vespera do seu natalicio ; chega-lhe ás mãos uma carta do coronel ; ao mirar, inquieta, a lettra, um raio luminoso reviveu por um instante, todas as esperanças mortas ; venceu, tremula e agitada, a resistencia do envolucro e perdeu-se a catar, soffrega, na extensa carta do marido, uma referencia ao vindouro anniversario.

Havia naquelle extenso papel, que o coronel enchera de sua lettra miuda, de emvôlta com as minunciosas noticias de sua pessoa, as mais suaves palavras de ternura e de amor endereçadas á companheira de sua vida feliz e victoriosa.

O coronel Ennes era um affectivo ; nada turbava a placidez e bonhomia, que o invadiam apenas transpunha o limiar de sua casa elegante ; ausente do quartel, onde, sob as exigencias da disciplina militar, que lhe era um culto, elle se esforçava por manter sempre, uma attitude de impenetravel reserva, o coronel, em se livrando daquella atmospheramavorcia, dava a mais franca expansão ao seu bom humor incomparavel.

Nas epistolas aos de sua amizade esse traço do caracter do coronel Ennes tornava-se saliente ; e, em se dirigindo á mulher, que lhe era o encanto de existencia, mais se avolumava a maneira amorosa de exprimir a delicadesa de seus sentimentos.

Thereza, no meio de todas aquellas meigas referencias ao seu nome, á sua bondade, ás excellentes qualidades que, em verdade, possuia, só queria descobrir uma ao dia de seus annos, e essa, justamente, faltara ! De mais não carecia para ter alli um verdadeiro corpo de delicto ; estava patente a criminalidade do marido.

Todo aquelle passado, que a trouxera ao presente abominavel, era apenas uma successão de hypocrisias e enganos que ella, innocentemente, na sua bôa fé invejavel, vinha engolindo e tragando.

Num movimento brusco de colera insoffrivel, Thereza arrojou a carta do coronel, machucada entre os dedos, á cesta de papeis velhos ; depois, sentindo que lhe não bastava a prova magna de culpabilidade, que colhera, dirigiu-se á secretária do marido. Deu busca a todos os papeis ; vendo que alli tudo falava pela innocencia do esposo acabou dizendo : —sim, tão tôlo não seria de deixar as provas aqui, quasi em minhas mãos. —Fechou as gavetas e, mais calma, abriu a pasta ; havia nella um papel, um recibo, e não era habito de Ennes deixal-os assim, entregava-os sempre a ella, que os tinha todos sob sua guarda, como zelosa dona de casa.

—Horriavel, meu Deus ! — exclamou Thereza, apenas demorou a vista sobre o recibo.

Era de um joalheiro; recebera do coronel Eneas dois contos de reis, custo de um anel de rubim oriental, a mais linda, para ella, de todas as pedras preciosas, e não n'a lograra ainda possuir e já outra a arrancava das mãos daquelle homem funesto...

Thereza sentia-se humilhada, menoscabada; a posse, porém, daquelle prova absoluta e sorprehendente era-lhe um thesoiro. Sim, até agora, pensava ella, tenho vivido illudida, mas raiou o sol para mim e hei de desmascaral-o ao contacto da luz, que esse papel irradia.

O coronel, saudoso, via escôarem-se, trabalhosos e tristonhos, os dias de ausencia da mulher querida; antevia o proximo natalicio; ella só, elle longe, tão longe, sem lhe poder prestar as homenagens do seu amor.

Separavam-nos trinta horas de viagem; fez os calculos, desejo de partir e viu a impossibilidade, já agora sem remedio, de manter a tradição estabelecida de esperarem juntos, soar, meia noite, e o irromper das datas em que vieram ao mundo um para o outro, exclusivamente.

Thereza, por demais amargurada, quasi fora de si, muita vez se suppunha victima de insanidade mental e reforçando, com um desejo ardente de se dominar, as energias cerebraes, chegava á conclusão logica, insophismavel, pura como a verdade, de que,

alem de attraçoada, estava, agora, esquecida.

Pensamentos sinistros vagavam no cerebro da airosa dama; e, carecendo de um roteiro para a sua conducta futura, ella, que até agora só cuidara de juntar, cada dia, mais um formoso dote ao seu character purissimo, á sua bondade illimitada, pensava já no goso de uma vingança heroica.

— Amor paga-se com amor e a infidelidade com a... — e Thereza não se arrojava a rematar aquella conclusão horrenda, dictada pelo coração tremendo de dor intensa, profunda.

Mas da situação a que a arrojaram as pesquisas feitas no proprio lar, no primeiro momento em que lhe nasceu a má inspiração de suspeitar do honesto proceder de Ennes, tinha que se livrar a mulher dolorida e, sem mais pensar, guiada pelo instincto que nos leva, nas crises tremendas da vida, a recorreremos aquelles a quem respeitamos e amamos, Thereza tomou o carro e partiu em demanda da casa de sua sogra d. Maria Clara.

Ella sabia a rijeza dos principios dessa matrona veneranda; muitas vezes lhe ouvira falar de mulheres ultrajadas pela devassidão dos maridos, facto a que, num assomo de solidariedade mulheril, ella emprestava os peiores qualificativos.

Cheia de fé, Thereza ambicionava o juizo da sogra esclarecida.

Fabricar argumentos favoraveis ao filho ser-lhe-ia impossivel; a existencia do recibo, que levava consigo, como elemento irrecusavel de accusação, dava-lhe forças sobejas para arrostar qualquer susceptibilidade materna; deante daquelle documento irrefragavel a sentença condemnatoria impunha-se numa evidencia esmagadora.

Assaltavam seu espirito essas conjecturas esperançosas quando o carro esbarrou ante a casa do conselheiro.

D. Maria Clara leu na physionomia da nora; antes que essa pensasse nos meios de entabolar conversação no sentido almejado, a primeira indagou, entre apreensões e vivos receios, que coisa succedera.

Thereza fez-se em prantos; a custo venceu a crise e, quando sentiu a voz capaz de lhe transpôr os labios, disse, o rosto coberto pelo lenço ensopado, estrangulada de dôr, desesperada : — eu sou uma desgraçada !

— Como, filha, falla...

— E Thereza, num movimento precipitado, saccou do seio aquelle pequenino papel horrendo, e numa attitude heroica, de quem lança a ultima cartada numa peleja de vida ou morte, pol-o entre as mãos da sogra espantada, contando-lhe, concomitentemente, toda a sinistra situação que o recibo do joalheiro lhe fazia surgir ante os olhos.

D. Maria Clara formava de seu filho

um conceito honrosissimo ; as esperanças que eram, quando elle lhe sugava ainda nos primeiros momentos de vida, os seios abundantes de leite, o melhor alimento de sua maternidade feliz, realizaram-se todas com o correr dos tempos ; vira, aos poucos, erigir-se, moldado pelo seu amor, obediente a seus conselhos, o character de seu filho amado, o unico que lhe surgira do unico amor que houvera germinado no seu coração de mulher, e agora todo aquelle edificio ruía pela culpa maxima a que via ligada irremissivelmente, a deshonra de seu filho e a infelicidade de sua nora Thereza. Não ha como as mulheres para se afundarem no pélagos da desconfiança e da descrença ; a mãe e a esposa de Ennes conservavam-se mudas, uma ante outra ; a mesma fatal convicção era um elo a prender aquellas creaturas magoadas e infelizes, irmanando-as na negrura atroz daquelle instante tragico.

A virtuosa velha imaginava, no evento lancinante, o imprevisto de um drama que ella tantas vezes assistira nos theatros, ao lado do conselheiro, mettida na sua felicidade de esposa respeitada e querida, conciliando jamais o espirito com o lado máo da vida conjugal, buscado sempre pelos dramaturgos como o mais appetecido thema de suas creações.

No emtanto era no prolongamento de seu proprio lar, bafejado sempre pelas auras do socego domestico que ella via surgir um abrolho temeroso... e o protagonista era seu filho, o filho tão carecedor de uma defesa habil e ella ante a magestade daquelle papelucho horrendo, balda de forças, incapaz de produzil-a.

— Minha filha, clamou emfim, amargurada, busca na tua resignação um lenitivo para os primeiros momentos ; o tempo abranda as dores mais atroztes ; consola-te ; o raio que penetrou no teu lar feliz fez desabar tambem a felicidade do meu.

Taes palavras eram unguidas da maior sinceridade ; a dôr das duas mulheres, uma ultrajada pelo marido, outra cheia de vergonha pelo proceder do filho, fazia-as possuidas de mutua piedade e, abrandada por esse doce sentimento, galardão das almas eleitas Thereza, apenas minorada a intensidade esmagadora do abalo, regressou ao lar deserto de tudo quanto até então o fazia invejavel, e repleto, agora, de tristezas inãndas.

* * *

Tanto que o conselheiro penetrou em casa deu com o aspecto lugubre da companheira. Quando a consciencia o accusava de haver originado o agastamento da mulher — elle se mettia nas encolhas e não lhe proporcionava, cauteloso, occasião para um desabafo ;

actualmente nada lhe pesava, e elle, n'uma solicitude calculada, indagou o porque d'aquelle aspecto fóra do commum.

—Digo-lh'o em quatro palavras e cuide do caso, que eu estou fóra de mim. Olhe, esse recibo tem data antiga, é anterior á partida de Ennes. Venderam-lhe uma joia, um anel de rubim, por dois contos, e não o viu a mulher, não o vi eu, e ella sómente sabe dizer é que encontrô o recibo na pasta do marido. —

O conselheiro ouviu calmo a concisa exposição da mulher, e, desejoso de experimentar o amargo da justiça feminina, ajuntou-lhe ás proprias palavras :

—E tu não te sentiste com força de attenuar-lhe o erro, mesmo convencida de que elle incorreu na falta ?

— Absolutamente. Seria querer occultar o sól com uma peneira ; deante desse papel e das circumstancias todas, que o cercam, seria tomar o partido do criminoso contra a innocente e eu, eu, não esqueço a justiça pelos preconceitos.

— Bem Clarinha—ponderou o conselheiro — a tua justiça idéal, á qual não sacrificas um preconceito, faz-te sogra do teu proprio filho. —

Assombrada pelo dito do conselheiro d. Maria Clara teve um impeto de revolta ; ella via nas palavras do marido o laço de cumplicidade que talvez, de ha muito, ligasse pae e filho.—

— E' — accrescentou — sempre a justiça com os homens e a solidariedade entre elles contra as mulheres, mesmo nas melhores causas que nós pleiteemos. Demais, no caso, nada me seria mais necessario do que salvar a honra de meu filho perante a esposa e, dentro dos limites da tolerancia fal-hia contente. . mas nesse facto seria tomar a libertinagem sob minha tutela.....

— Não é tanto assim.... respondeu, calmo, o conselheiro e, com visível surpresa da mulher, attonita ante a quietude com que elle recebia a aggressão formal a todo um sexo de criminosos, unidos para a defesa commum, enveredou o velho pela outra sala, o seu gabinete de trabalho, donde, em curto instante, regressou, trasendo na mão, aberta, uma caixa de joia, em que refulgia, sobre o negro forro de velludo, a mysteriosa pedra, cercada de brilhantes finissimos, symbolo della, na sua belleza e magestade, dessa justiça humana, a cada momento, sacrificada.

O nosso filho, disse elle, incumbi-me de entregar esse anel a Theresa no dia de seus annos e recommendou, ao mesmo tempo, muito segredo.....

EURICO CRUZ.

OS TREZ PERIODOS DO GOVERNO REPRESENTATIVO E CONSTITUCIONAL NO BRAZIL

II

Em 1822, a transicção do governo da monarchia absoluta, despotica e irresponsavel para o regimen constituido, limitado, que exclue, condemna e pune a acção illimitada e irresponsavel do poder, era quasi impossivel, não só para os governantes, como para os governados.

A educação d'uns e de outros se fizera na eschola do absolutismo. Estavam todos os homens ainda imbuidos das ideas, preconizados por Antonio Carlos ; ainda vigoravam as crenças da origem divina—*Omnis potestas à Deo* ; ---do belprazer d'Elrei, por isso, na alludida discussão, Antonio Carlos ensina que---o Monarcha *avizinhe-se á divindade e que os ministros de Estados sejam seus servos*. Nas audacias de sue altivez, pretendendo ostentar thesouros de erudição, citou em apoio de ideas, tão futeis, perigosas e funestas, que José Bonifacio, como ministro, pôz em pratica---os nomes dos grandes patriotas, ou *dos livres inglezes*---Pym e Hampden.

O principio da hereditariedade não se modifica rapidamente; prevalecia na raça portugueza, que venerou sempre a Realeza e submetteu-se, por longo tempo, ao despotismo---ás vezes cruel, as vezes estúpido --- do Marquez de Pombal.

D. Pedro I representava e comprehendia essa tradição de obediencia e, por temperamento, era d'uma vontade impetuosa e absoluta, com quanto não fosse sanguinario e cruel, era violento, irreflectido e pertinaz.

Sentia elle duas grandes paixões, que lhe referviam nos seios d'alma---a ambição do mando e a exaltação da liberdade.

Dois cousas elle queria ser---Rei de vontade e poder absoluto; demagogo e popular, prodigo de constituições.

O Principe, que ficou regente do reino, quando d. João se partio para Lisboa, estava talhado para pôr-se á frente do movimento revolucionario, como fez; mas, de veras, não tinha nem indole, propria a dirigir um governo de regimen constitucional representativo. Esse regimen é o dos contrapezos, dos obices, segundo a expressão dos publicistas inglezes. N'esse regimen toda acção é limitada, previamente traçada e regulada ; ninguém pôde fazer tudo á sua vontade; só a lei é que faz o que quer, porque manda e obriga. Eis ahí a característica dos dous sistemas.

D. Pedro --- excellente nas funcções de Senhor absoluto, era incapaz, ou improprio para adaptar-se ás difficuldades, ás limitações, aos obices e contrapezos dos preceitos constitucio-

naes, que excluem, coarctam e prohibem os impetos da vontade, exercida fóra da orbita legal.

Durante os dez annos, em que d. Pedro I occupou o throno, o seu governo é uma lucta permanente, uma violação perenne das leis, uma indifferença prepotente pelas regras estatuidas, uma imposição continua da vontade imperial.

E não podia ser de outro modo, por que, si elle---o chefe---estava educado na antiga eschola do poder absoluto, os ministros --- *seos servos* --- eram na verdade d'uma obediencia, que lembra a exclamação de Tiberio na curia romana: --- *tam projecta patientia servientium taedebat !*---E Tacito, que a refere, imagina o gráo de subserviencia, capaz de inspirar asco a alma potrefacta de Tiberio !..

Quando d. Pedro teimou em organizar o gabinete de 5 de abril, achou doces ao seo bel-prazer---os marqueses de Inhambupe, de Baependy, de Lages, de Paranaguá e o visconde de Alcantara, que não podiam ignorar que o acto era uma attentado de consequencias funestissimas.

Já estavamos na vigencia da Constituição e no exercicio das funcções legislativas. Mas, no inicio do reinado, não havendo Camaras nem Constituição, qual era a norma a seguir? A vontade do Imperador---ignorante e arbitrario, ou a do seo ministro José Bonifacio --- *meio illustrada* e profundamente despotica, por que elle simulava imitar as insolencias do Marquez de Pombal, cujas portarias truculentas copiava --- *ipsis verbis* e as applicava á um povo, no laborioso momento, em que fundava o imperio, a independencia e a liberdade civil e politica.

De 1822 a 1823 prolongou-se o antigo regimen. A legislação civil e criminal das devassas, dos crimes de lezagemestade, as praticas administrativas, a preponderancia da Corôa, como poder unico ; a irresponsabilidade do governo, tudo continuou como d'antes, no meio das agitações, das acanhadas aspirações do povo, que queria ser livre e independente e mal sabia o que são a liberdade e a independencia.

Vê-se como d. Pedro e o seu ministro José Bonifacio comprehendiam o regimen, na serie de actos, que praticaram. Em 1823 o Imperador, cujo espirito fóra corrompido pelas theorias e exemplo das arbitrariedades de José Bonifacio, não hesitou em despedir a Assembléa Constituinte á maneira de Crommwell. Já havia destituido o gabinete de 16 de janeiro, que era apoiado pela mesma Assembléa Constituinte.

Agora, sem camaras e tendo provado sua força e resolução pelos dous actos---demissão do ministerio e dissolução da Assembléa---o Imperador ficou na magestosa attitude de poder unico, soberano, absoluto e irresponsa-

vel — o que augmentava a obediencia de seos --- *servos* —, os ministros, conforme a doutrina frivolamente ensinada por Antonio Carlos na sessão de 30 de abril. (Vide o vol. 1.º dos Annaes, pag. 6).

Assim foi, pelo largo periodo do seo exercicio de realza tradicional, sem camaras, sem constituição — que d. Pedro preparou-se para o governo representativo e sendo servido por ministros *servos*, educados na mesma eschola.

Passo por muitos factos, que evidenciam o meu proposito, de mostrar que os trez periodos do regimen representativo differenciam-se pelos principios e orientação, que seguiram. Tóco apenas num, que é comprovado por documento authentico e irrecusavel e demonstra perfeitamente como era entendido o manejo do regimen, composto de poderes independentes já consagrados na Magna Carta de 25 de março.

Depois da dissolução da abortada Constituinte, a primeira Assembléa legislativa reuniu-se em 1826. Esta camara já trazia em seu seio alguns homens da geração nova, que tiveram educação politica differente da dos Andradas, Baependy, Villela Barbosa e outros conselheiros da monarchia tradicional.

E' claro que essa fracção, mais joven e mais audaz, preferindo viver das idéas novas, abria luctas com as carunchosas, envelhecidas e gafas do passado.

A camara legislativa, reputando-se com o direito e a missão de fiscalisar os actos do executivo, até então dominador absoluto, resolveo conhecer de taes actos. Em consequencia officiou ao governo, *pedindo uma conta de todos os actos, que a Constituição obriga a dar, logo que se acham reunidas.*

Eis como se abriu o primeiro campo de combate.

O pedido é modesto, simples e regular. A camara reclamava aquillo, que depois e ainda hoje, é conhecido pelo nome de *Relatorio*, que cada ministerio apresenta no começo de cada sessão annual. Hoje não haveria um ministro tão ázesado que se furtasse a cumprimento d'esse dever.

Não no entendiam assim o governo do Imperador e os ministros, que pensavam poder, no regimen representativo, seguir as normas, uzos e principios da monarchia absoluta de origem divina.

— O governo dar contas?! O governo não tem superior!

Negocios do Estado são negocios da propriedade do rei. Pedro I pensava, como Luiz XIV---*l'État c'est moi.*

O filho de Luiz XIII e de Anna d'Austria, de chicotinho em punho, entrava no Parlamento e impunha a sua vontade aos severos, graves e empoados magistrados.

O bisneto de d. José I ordena acs

seos marquezes que respondam ás Camaras --- que ellas nada tem que vêr com os negocios do Estado; estes pertencem ao governo de s. magestade.

E' curiosa a correspondencia; mostra a idéa, que naquelle periodo se formava do regimen representativo --- idéa, que só podiam ter os homens do antigo regimen, onde não havia representação politica da nação, que era objecto do dominio e propriedade regia. O regimen representativo só pôde ser concebido e praticado onde prevalece a idéa da soberania nacional. E' evidente que o regimen representativo do primeiro periodo do governo constitucional tem um typo singular, bem differente dos outros, isto é, da Regencia e do 2.º reinado, onde se formou e aperfeiçoou-se o governo parlamentar --- governo da intelligencia, da sciencia e da palavra eloquente.

Respondeu o visconde de S. Leopoldo:

«Tendo recebido o officio de v. ex., em que me participa que a camara dos deputados resolvera que se pedisse ao governo a conta de todos os actos, que a Constituição obriga a dar ás camaras, logo que se acham reunidas em sessão --- cumpre-me responder a v. ex., pela parte que me toca, que não julgo sujeita a semelhante obrigação a secretaria de Estado dos negocios do Imperio, por que o exame da publica administração, de que trata o tit. 4.º, cap. 2.º, art. 37, § 1.º da cit. Constituição --- só tem logar nos termos do § 6.º, art. 15, cap 1.º do referido tit. isto é, na morte do Imperador, ou vacancia do throno, caso que felizmente não se acha verificado. Todavia o governo de s. m. Imperial, querendo dar as mais decisivas provas de quanto deseja cooperar para o maior acerto das deliberações da Camara dos deputados e providencias legislativas, transmittirá pontualmente ao conhecimento da mesma camara informações exactas sobre cada um dos ramos, que em especial se lhe indicarem e que estejam a cargo da Repartição dos negocios do Imperio. Deos G. Paço em 31 de maio de 1826 --- José Feliciano Fernandes Pinheiro Ao sr. Manoel José de Souza França.»

Esta resposta condiz perfeitamente --- não dizemos com ignorancia do systema --- mas com a ordem de ideas tradicionaes do antigo regimen, as quaes estavam incrustadas no espirito dos conselheiros imperiaes, que, como *servos*, obedeciam ao Imperador, que amava e queria o governo --- d'um só.

Ainda a correspondencia induz-nos a fazer uma serie de conjecturas. Em verdade trata-se d'um principio fundamental; que um ministro não pôde conceder, ou negar a seu talante. Si não é o caso, que a Constituição permite, a consequencia deve ser a recusa. Não cabe na *competencia* do governo dispensar, ou substituir o preceito da lei

suprema. O ministro, começando por estabelecer o principio contrario ao pedido da Camara, conclúe, se lhe submettendo e compromettendo-se *transmittir pontualmente ao conhecimento da Camara informações exactas sobre cada um dos ramos que em especial lhe indicarem etc.*

Crê justificar essa incoherencia com os motivos de mera utilidade.

O que transluz é ainda o systema tradicional da vontade regia, absoluta e irresponsavel, que não se quer submeter-se a uma regra, a uma limitação.

Para d. Pedro, que não era lettrado, antes inculto e mal educado, (1) o regimen de governo, sahindo dos moldes da monarchia do *sic volo, sic jubeo, sit pro ratione voluntas* --- era uma causa estranha, pouco estudada e sabida. Os seus conselheiros, si não estavam no mesmo caso, tambem ou tinham ideas erroneas, ou mal systematisadas.

Já demos uma amostra das noções da sciencia politica de Antonio Carlos, a mais ruidosa reputação de orador parlamentar, que ainda hoje é citada nos extasis dos arroubos de entusiasmo e de idolatria, por muita gente, que nunca leu as hyperbolicas e prolixas declamações dum homem, que incontestavelmente era dotado de talento e que muito avultava naquella temporada.

Quando o officio, exigindo a *conta* cahiu sob o tecto de S. Christovão, qual bomba de dynamite, no dia 27 de maio de 1826, houve um alarma tremendo, que ululou por todos os corredores do velho Paço: os aulicos contorciam-se, pavidos de espanto,

O Imperador rugiu --- transido de raiva. O Chalaça rememorou o modo, pelo qual seu augusto amo deu cabo do ministerio Andrada e da inoffensiva Assembléa Constituinte, --- esse estreito theatro, onde retumbavam os brados da estrepitosa rhetorica de Antonio Carlos; onde obscurecia-se a silenciosa hypocrisia de José Bonifacio; onde salientavam-se as travessuras de Montesuma, que promettia ser um grande e illustre parlamentar; onde vibrava --- solemne e graciosa --- a voz argentina do marquez de Abrantes. O Imperador não hesitava em dar a mesma sorte á nova Assembléa facciosa de 1826.

Notavam-se neste Parlamento a energica e expressiva catadura do tonsurado Feijó; a serena severidade de Vergueiro; a meditação calculada de Abaeté; a discreta reserva do futuro regente marquez de Olinda.

Finalmente no meio de todas estas figuras desapparecidas, arrastava-se o mais poderoso e fecundo espirito de

(1) Elle proprio o disse: são suas estas palavras --- «Os ultimos mal creados da familia de Bragança» seremos nós --- eu e o mano Miguel, cuidou muito na educação dos filhos.

estadista, que o Brazil ainda teve --- Bernardo Pereira de Vasconcellos, que tudo movia, dirigia e inspirava.

D. Pedro I, era valente, temerario e resolutivo. Já queria tomar as botas e montar a cavallo. Alguns generaes e coroneis presentes asseguraram-lhe que o exercito era inteiramente dedicado a s. magestade.

A questão parecia ter de liquidar-se a ponta de espada e a golpes de baionetas --- eis sinão quando certo conselheiro, notavel pelo saber e bom conselho, avisinhando-se do Imperador, tentou dissuadir-o da reloucada empreza e ponderou-lhe que --- era mais habil e mais proficuo uma estrategia á moda de Machiavel, do que uma fanha do genero do *Brumario* de Bonaparte.

D. Pedro acalmou-se, escutou e reflectiu alguns momentos.

O conselheiro acoroçou-o a persistir no terreno da moderação, não se atrevendo a dizer-lhe que não tinha razão.

.....

D. Pedro --- si não dispunha da sabedoria, adquirida nas paginas dos livros, possuia, comtudo, certo talento de intuição e comprehendeu das palavras do sincero e benemerito conselheiro --- que lhe estava preparado um reinado de luctas, cujo desenlace não podia prevêr.

Acceitando o conselho, procurou, com geito e fina manha, contornear a difficuldade e inspirou ao ministro --- visconde de S. Leopoldo, aquella resposta contradictoria, de quem, ao mesmo tempo, julga-se ter poder para recusar, e generosidade para ceder.

A Camara, todavia, não ficou satisfeita. Na sessão seguinte Vergueiro, deputado de S. Paulo, agita de novo a questão com a seguinte indicação: --- «Não podendo esta camara tomar deliberação sobre muitos objectos, que nella se têm proposto, sem conhecer o estado actual dos negocios, requeiro que se lembre ao governo a necessidade que ha do relatorio, que cada um dos ministros deve dar do estado de sua repartição.» (2)

Ficamos admirados de vêr que taes discussões fossem travadas no recinto da Camara e sustentadas pelo governo nas communições officiaes. E' por demais natural e simples a nossa admiração --- pois que não reflectimos que a liberdade politica travou e ainda sustenta uma lucta, que parece eterna. O grito das victimas, echôa através dos seculos, --- desde as primitivas sociedades até ás nossas, já exaustas de fé e de coragem. O poder e a liberdade dos povos, rarissimas vezes, convivem harmonicamente; um pretende supplantar ou destruir o outro.

Não se desconhece a eterna lucta ---

que começou desde os arrebóes da civilização, e quem sabe quando terminará --- reaparecer na Assembleia de 1826.

Ouvi de muitos contemporaneos competentes a narração de varias circumstancias, que serão convenientes e proveitosas á historia do governo parlamentar, quando tivermos historiadores, que encarem esses assumptos com a patriotica solitudine d'um barão de Barante e Duvergier, em França, ou de Cornwall Lewis e Esch May, na Inglaterra.

A Camara voltou á carga e o governo está empregando meios para subtrahir-se ao jugo, que lhe quer impôr a soberania nacional. A controversia continúa interessante sob o ponto de vista da historia parlamentar. Não sei, porém, se me sobrarão lazer, vontade e paciencia, para narrar e expô-la aos nossos leitores.

EUNAPIO DEIRÓ.

A PROVA

III

No emtanto, depois dessa brusca despedida, o fidalgo não se sentira ainda com animo para emprender a sua penosa viagem, aguardando que no decorrer da semana mais as suas melhoras se accentuassem e mais forte se lhe tornasse o corpo abatido.

Agora, retomando antigos habitos, todas as manhãs levantava-se, mal o sol despontava, e esparecia a sua tristeza pelas desertas galerias do castello, embebendo o olhar ao oiro novo dos trigaes maduros e no verde negro dos pinheiros, e aspirava com a frescura da brisa marinha o delicioso perfume das giestas, cujos ramos, inclinados ao pezo das flores, osculavam e perfumavam as suas janellas.

Com a saúde parecia tornar-lhe a tranquillidade ao espirito. Não mostrava já constrangimento nem rispidez no modo de tratar a esposa, nem lhe prohibira os costumados passeios ao parque ou á praia, pela hora doce da tarde. Jamais tambem lhe dissera o motivo que o levou a bruscamente dispensar as visitas do medico, nem até uma só vez se referira a essa insolita scena, nem ás flores que fizeram inflammam no seu peito o desespero.

E como Marina não deixasse transparecer desapontamento ou tristeza pela despedida do medico, já ao coração de Torquato volvera o fervor da paixão e quasi de todo pareciam olvidados os seus projectos de vingança: o amor obscurecia-lhe os sombrios sentimentos, como por cima de lodo cresce a relva fina e tenra e desabrocham alvos nenuphars.

Assim, Marina não deixava de aproveitar essas horas de liberdade, que

eram as unicas de que podia gosar. E foi na tranquillidade e frescura de uma dessas tardes que, dirigindo os seus passos despreocupados até a praia, avistou, caminhando vagarosamente para o lugar onde elle estava, como se despreocupado tambem estivesse, aquelle por quem tão saudosamente o peito lhe palpitava.

Na emoção que lhe causára essa surpresa, sentiu o coração opprimir-se e pelo seu rosto passou a sensação de uma onda de sangue que o percorresse.

Logo concluiu que o medico estava alli por sua causa: soubéra certamente que ella costumava sahir á tarde, sózinha, e esperava-a, com o fim talvez de lhe dirigir uma declaração, depois que pela expressão do seu olhar sabia-a apaixonada por elle... Ah! mas enganara-se o joven, suppondo-a susceptivel de deixar-se conquistar como uma mulher facil!. E foi com simulada frieza que o recebeu. Elle desculpou-se de estar alli, áquella hora, junto a dominios do castello; vinha de visitar um doente á aldêa, e não resistia ao desejo de vel-a, tão viva lhe pairava no espirito a sua imagem...

No enleio em que ella ficou dessas palavras, as suas faces de novo tingiram-se de um leve rubor que mais as revestia de encanto. Era a primeira vez que ouvia phrases quasi de amor, que lhe eram dirigidas; de resto, já as esperava por essa argucia que é innata na mulher.

Pela primeira vez na sua existencia sem emoções, ella se via a sós com um extranho, que era, além disso, joven e bello e por quem o seu coração, num augusto enlevo, nesse momento se agitava. Lembrou-se que o fidalgo podia vir a saber d'esse encontro e teve vontade de despedir-se e voltar immediatamente para o castello... Deixou-se no emtanto ficar. Na presença do medico, nos traços da sua physiognomia sympathica, nas palavras que lhe dirigia, havia tanto attractivo e encanto, que não teve coragem para furtar-se ao intenso prazer de ouvir da pessoa a quem amava, phrases de tão expressivo sentimento. Além disso, tão segura estava da sua propria virtude, como se uma muralha os separasse.

Como ella se conservára calada, elle falou-lhe d'outros assumptos, referiu-se ao mar, que passára o dia todo embravecido e apenas palpitava agora na sua coberta azul, como si estivesse extenuado:

—Gosta do mar? Eu amo-o, porque elle se parece pela sua grandesa, pelas suas rapidas mudanças e pelos seus arrebatamentos, a um coração ardentemente apaixonado.

Elle sorriu da comparação, cujo sentido comprehendera, e respondeu:

—Sim, o senhor ama-o, porque elle se parece com o coração dos homens na audacia e na inconstancia. Mal roça-

lhe o fremito d'uma briza que vem de muito longe, já toda a sua superficie se agita; mas no fundo é sempre o mesmo...

Elle ficou surprehendido da promptidão e malicia da resposta: não julgára nunca que ella tivesse tanta vivacidade de espirito. Ella sentia-se agora mais á vontade, passada a impressão do encontro.

A tarde começava a cahir. O sol agonisante feria as vidraças do solar, que brilhavam por entre a folhagem da devêsa, como diamantes de uma joia antiga. O mar e o céu quasi se confundiam ao longe, na linha indefinida do horisonte. A costa estava deserta a essa hora; mas a pouca distancia, uma embarcação pequena de pesca singrava a placidez das aguas. Ella volveu o olhar nessa direcção. E já os homens colhiam as vellas e lançavam os remos, quando o medico, receiando que esse incidente desviasse para outro assumpto a sua conversação, ou que alguém viesse perturbal-os no suave isolamento d'esse encontro, rebuscou na exaltada imaginação uma phrase, um vocabulo, que reatasse o assumpto interrompido. E nem uma palavra occorreu-lhe ao espirito: o desejo sensual produz d'essas perturbações: ao passo que sensibilisa as cousas materiaes, dando-lhes uma alma apparente e bellezas que não possuem, materialisa os sentimentos mais subtis e mais delicados.

Ella então disse:

—São horas de eu voltar.

Mas não se despediu logo, fitando o joven, como se lhe faltasse coragem para deixar a sua fascinante companhia. E esperando talvez que elle lhe dissesse mais alguma cousa, deixou-se inconscientemente prender ao seu olhar que a attrahia e envolvia.

Segurando na mão com que ella segurava o vestido, elle murmurou muito baixo:

—Marina.

Ella ficou nm momento confusa; procurou em seguida desprender-se dessa mão, cujo contacto causára no seu corpo um doce estremecimento.

—Deixe-me, por favor!

E foi com tanta energia que proferiu essas palavras, que elle logo a soltou, mais confuso ainda.

—Eu amo-a loucamente... ajuntou, tremendo-lhe a voz.

Ella sorriu com desdenhosa superioridade: não acreditava nessa paixão que jamais se declarára num gesto ou num olhar, se não depois que ella tinha expressado, de modo positivo, o amor que lhe votava.

—A sua paixão, doutor, é como a de todos os homens: basta que elles imaginem ter despertado um sentimento de sympathia no coração duma mulher, para se julgarem já os seus possuidores.

O joven, suspirando, murmurou então:

—Que prova quer que eu lhe dê da minha sinceridade?

No seu olhar uma grande tristeza se desenhava. Ella respondeu com energia:

—Nenhuma. Só ha uma prova justificavel em amor: é a que se dá sem anticipada intenção, no momento opportuno. Não a nota quem a dá; percebe-a, no emtanto, quem a recebe...

A sombra do crepusculo ia envolvendo aos poucos todas as cousas. Os objectos mais distantes perdiam as linhas mais agudas, confundiam as suas côres.

Da embarcação haviam já saltado os pescadores, e um delles, que tinha brancas as barbas e um rosto alegre e corado, aproximára-se, sorrindo:

—Vvs. exs., ao que vejo, são os novos donos do castello.

E logo, com a franqueza que caracteriza os homens do mar, lhes falou do solar e do seu ultimo proprietario, fidalgo irascivel e cruel, que elle conhecêra. Na aldêa espalhára-se — quando inesperadamente as janellas do castello se reabriram depois de vinte annos e operarios alçaram nas velhas paredes as suas compridas escadas — que todo o solar, com as vastas terras que lhe pertenciam, fôra vendido a nobres e ricos senhores, que magnificamente o transformariam em deliciosa morada...

Isto disse-lhes o velho, sorrindo e tomando-os pelos novos proprietarios. Marina não o tirou dessa persuasão, curiosa de conhecer algum traço da vida do fidalgo, que ella de todo ignorava. E como lhe perguntasse que crueldade commettêra o fidalgo, para ser taxado de cruel, elle narrou esse caso caracteristico e extranho da sua historia.

—Um dia um joven morgado, primo da fidalga e que tinha perdido a mãe mezes antes, para suavisar a tristeza do luto, viera passar algum tempo ao castello. Tinham os dois jovens a mesma idade e rivalisavam em formosura. Murmurava-se que se amavam e sabendo que Torquato era ciumento e perverso, não fizeram caso do seu ciúme e perversidade.

Neste ponto, Marina interrompeu o velho, exclamando num entresonho:

—Ah! como eu comprehendo um amor assim!

—Uma noite, entretanto, ventosa e fria, em que as estrellas eram mais brilhantes, houve quem visse dois vultos passar, pelo lado do mar, conversando e fumando... Mas logo em seguida um delles voltou apressadamente, refugiando-se no castello, por uma porta de que só Torquato tinha a chave. No dia seguinte não se viu nem fidalga nem mancebo. A fidalga encerrára-se nos seus aposentos, donde nunca mais sahiu nem mais abriu o

postigo de uma janella, pelo espaço de um anno, que tão longe foi ainda a sua existencia. O mancebo foi encontrado morto, no fundo escuro dum fosso, formado por duas grandes pedras, e tendo no peito cravado um punhal. E como o fidalgo não o procurasse, nem se referisse nunca ao seu desaparecimento, nem mais se dirigisse para aquellos lados do parque — o corpo do morgado lá ficou até que os corvos o descobriam e devoraram, — e lá se encontra ainda parte do esqueleto que o tempo não consumiu, com o punhal atravessado...

Quando o velho acabou de contar-lhes esse caso, o medico tinha o rosto pallido como se fôsse de cêra. Não imaginára nunca que o coração do fidalgo abrigasse tão grande perversidade. Elle mesmo que o sabia vingativo e ciumento, não o julgára nunca capaz de tão perfida e sinistra vingança!...

Depois de um momento de silencio, Marina perguntou:

—Póde-se ir a esse lugar? Eu desejava vel-o...

O velho marinheiro indicou-lhes o caminho a tomar.

Em seguida, dirigindo-se ao medico, ella accrescentou:

—Quer acompanhar-me, doutor?

—Com todo o prazer.

Para se dirigirem ao lugar indicado, tomaram por um atalho que álamos ensombravam. Para os lados viam-se os restos dum jardim antigo. O sangue fresco das papoulas salpicava a relva.

Já o sol se sumia no horisonte e uma larga faixa de ouro inundava o céu desse lado, quando chegaram aos rochedos. Apoiando-se no braço do medico, Marina subiu um declive que ia ter ao ponto designado pelo velho, onde logo avistaram entre duas grandes pedras, uma gargante negra como um abysmo. Segurando-se então nas pedras e inclinando os rostos, que chegaram a tocar-se, começaram aos poucos a perceber, sobre um fundo mais negro que azeviche, uma fórma esbranquiçada — alguma cousa de semelhante a um esqueleto, cujo craneo se tinha já separado e rolára para o lado, e no logar do coração, entre duas vertebraes, o cabo dum punhal que tambem pendêra para um lado...

Ella perguntou:

—Vê alguma cousa, doutor?

—Sim, vejo...

A sua voz era entrecortada. Ella estava apparentemente calma: as mulheres com muito mais facilidade que os homens escondem as emoções...

Então, como se proseguisse uma phrase interrompida, ella disse:

—No emtanto, meu caro doutor, ha uma attenuante para os conquistadores: é quando elles amam, de facto! Mas o amor é um sentimento tão antigo e tão distanciado dos nossos cos-

tumes, que é hoje mais difficil de ser encontrado que o fossil dum megatherio. Actualmente limitam-se os homens a fazer promessas de affrontar perigos ou vencer sacrificios, mas em chegando ao momento da prova, quando ella custa sacrificio ou perigo, quasi nunca a realisam. E as pobres mulheres satisfazem-se com as apparencias.

Distrahidamente, quando se debruçára, ella tinha descansado uma das mãos sobre a delle, e não a retirára. O suave contacto dessa mão, de que debalde elle tentára apoderar-se ha pouco e que agora se lhe abandonava

por inexplicavel descuido, e onde o aro de uma alliança refulgia—causava-lhe em todo o corpo uma extranha sensação de volupia e de terror...

Marina fitava-o com o olhar amortecido; elle passou-lhe um braço pela cintura. Ella não resistiu, apenas murmurando:

— Não teme que meu marido nos veja?

— Eu a defenderia até a morte.

E todo o receio do medico expirou diante da languida expressão que tomou o rosto de Marina, esse rosto de linhas tão suaves, quasi infantil, onde os traços incertos da adolescen-

cia se não tinham ainda de todo apagado, sob a graça e o frescor primaveril da mocidade.

De dia, sob a influencia da luz, a sua belleza extasiava; mas o crepusculo, envolvendo-a num tenue manto que lhe velava as fórmas, sem as prejudicar, transformava-a em deusa pagã.

No occidente, uma nuvem escura abafou de todo a agonia do sol. E ella, ante essa PROVA de que elle a amava, docemente entregou-se aos seus braços, fechando os olhos.

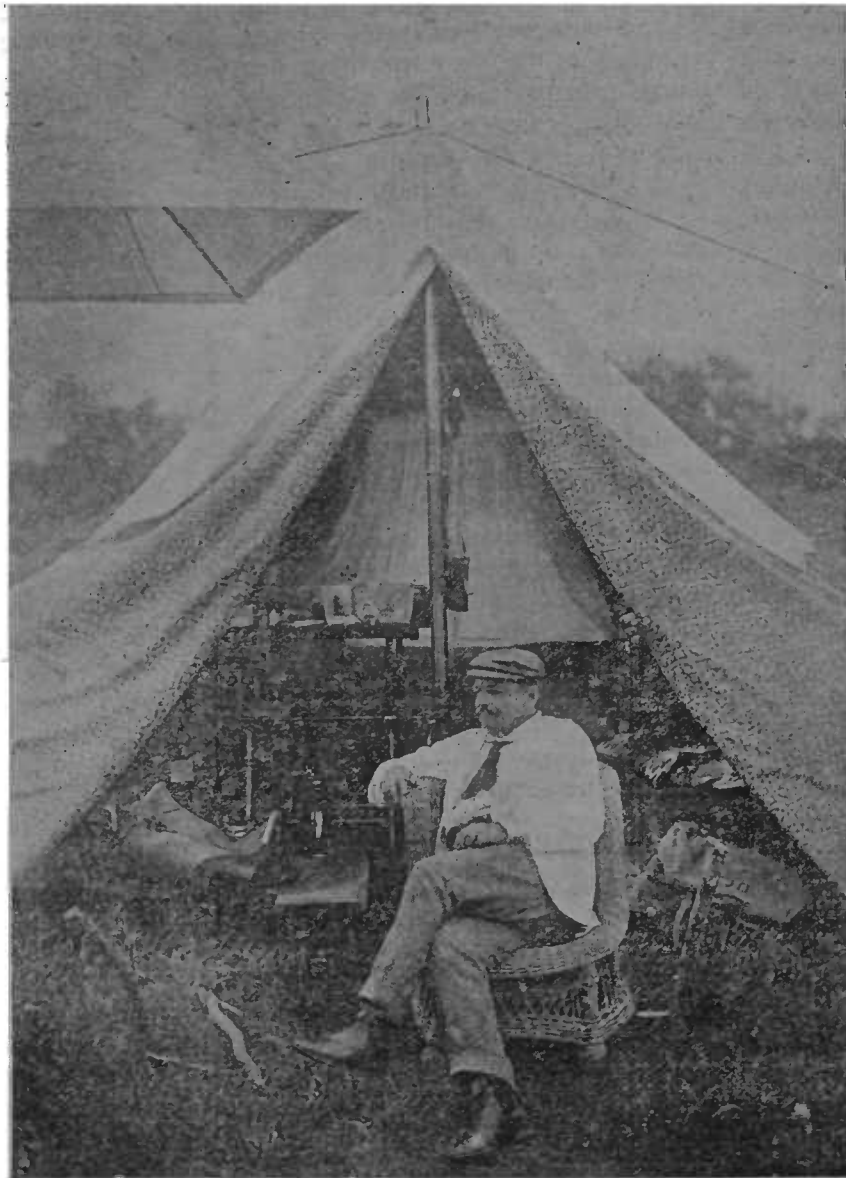
ANFILOQUIO MARQUES.

UM LITIGIO SECULAR

A fronteira entre o Brazil e a Republica Argentina estende-se da barra do Quarahim, no Uruguay, á foz do Iguassú, no Paraná, formando trez secções: 1ª, subindo, para o norte, o Uruguay até á foz do Peperyguaçu na sua margem direita; 2ª, subindo este rio até á sua nascente principal, desta pelo mais alto do terreno até encontrar a origem mais proxima do S. Antonio, e descendo este até á sua foz no Iguassú; 3ª, descendo o curso deste, até á foz no Paraná.

As corôas de Portugal e Hespanha para deimirem as duvidas suscitadas pela nunca respeitada linha de limites de suas possessões na America do Sul, a linha de demarcação, concedida em 4 de Maio de 1493 pelo papa Alexandre VI e modificada pelo tratado de Tordesillas, de 7 de Junho de 1494, approvedo pela bulla de Julio II, de 24 de Janeiro de 1506, consistindo num meridiano, que passaria 370 leguas a oeste das ilhas de Cabo Verde, celebraram o tratado de Madrid, de 13 de janeiro de 1750, no qual foi fixada a extensa linha que partia de Castilhos Grandes, perto da foz do Rio da Prata, ao norte do Amazonas e da linha equinoxial.

Este tratado suscitou grave opposição nos dois paizes, principalmente por parte dos jesuitas de missões e do Paraguay, e sómente depois de batidos os Guaranyes, em 10 de Fevereiro de 1856 na batalha de Caaibaté, começou em 1759 a demarcação que determinou como lindeiros, de accordo com o art. 5º do tratado, os rios Peperyguaçu e S. Antonio.



As operações dos demarcadores da fronteira do norte não foram iniciadas em consequencia dos embarços, que os missionarios hespanhóes e portuguezes do Orenoco e do Pará oppuzeram aos demarcadores.

O tratado de 1750 foi annullado pelo assignado no Pardo, a 12 de Fevereiro de 1761, sobrevindo a guerra entre as duas potencias, terminada pelo tratado de paz celebrado em Paris, a 10 de Fevereiro de 1763. Em 1º de Outubro de 1777, foi celebrado o tratado de S. Ildefonso, que, no art. 8º ratificou, a linha da segunda secção, de accordo com os trabalhos dos demarcadores de 1759.

Os executores do tratado de 1777 suscitaram duvidas ácerca do verdadeiro Peperyguaçu e S. Antonio, pretendendo que os demarcadores de 1759 haviam commettido grave erro, e que esses rios ficavam mais ao norte, sendo os que são actualmente conhecidos pelos nomes de Chapecó e Chopim ou Jangada que, depois se verificou ser o San Antonio-guazu de Oyarvide.

Essa duvida não foi derimida pelas metropoles.

Em 14 de Dezembro de 1857, o Brazil e Argentina concluíram esse tratado na cidade do Paraná, reconhecendo e adoptando, no art. 2º, a fronteira dos rios dos demarcadores de 1759; esse tratado, approvedo pelo Congresso Argentino, não foi ratificado.

Pelo tratado de 28 de Setembro de 1885, os dois governos concordaram em explorar o territorio contestado por uma commissão da qual fizeram parte, como representantes do Brazil, o bárão de Capanema, almirante Guillobel e general Dionysio Cerqueira, cujas operações começaram em 1887, e terminaram em 1889.

Em 7 de Setembro de 1889, foi concluido o tratado de Buenos Aires submettendo o litigio a arbitramento, que prevaleceu em consequencia de não ser approvedo pelo Congresso brasileiro o tratado celebrado em Montevideo a 26 de Janeiro de 1890, dividindo entre as duas partes, o territorio de Palmas.

Essa contenda secular terminou com a sentença do presidente Cleveland, em favor do Brazil.

Nesses precedentes, indicados a largo traço, se resume a accidentada historia daquelle trecho da fronteira.

O general Dionysio Cerqueira, que a nossa gravura representa na sua barraca do acampamento da foz do Qua-

rahim, figurou nas phases mais notaveis da controversia: como explorador do territorio contestado em 1887; como ministro plenipotenciario na missão especial que teve como chefe o illustre barão do Rio Branco, em Washington; como ministro das relações exteriores no tratado de execução do laudo arbitral e demarcação de toda a fronteira, e como chefe da commissão que acaba de demarcal-a com um exito sem precedente na historia dos nossos limites.

Nova theoria das quantidades negativas

PRECEDIDA DE UM ESTUDO CRITICO
DAS THEORIAS VIGENTES

PARTE 1.^a

CAPITULO III

7. O illustre dr. José Faustino tratou das quantidades negativas em um trabalho que escreveu em 1889, a titulo de lição, e que foi depois publicado. Tomaremos este trabalho nos pontos que mais nos interessam, com o fim de mostrar a anomalia de serem os negativos uma coisa no dominio concreto e outra no dominio abstracto. A' pagina 10 desta obra se lê :

ORIGEM DAS QUANTIDADES NEGATIVAS

« Foi na Arithmetica, tratando-se da subtracção dos numeros inteiros, que vimos surgir pela primeira vez as quantidades affectadas do signal —, as quaes receberam o nome de negativas, afim de differencal-as das outras affectadas do signal +, ás quaes deo-se o nome de positivas.

Analysemos esta operação da Arithmetica, porque foi de sua interpretação que se originou o erro dos antigos.

Tem por fim esta operação, conforme rezam os compendios « determinar o resto, excesso ou differença entre dois numeros » chamados : *diminuendo* (numero que tem de ser diminuido) e *diminuidor* ou *subtrahendo* (que marca o quanto se tem de subtrahir ou diminuir no outro) e chamam-se aos dois conjunctamente *termos de subtracção*.

Consideremos esta definição com referencia a cada um dos vocabulos *resto, excesso* ou *differença*, os quaes com quanto synonymos têm suas accepções peculiares.

Vejamos com referencia ao primeiro :

Resto de uma coisa é, sem duvida, aquillo que fica restando quando se tira uma porção qualquer dessa mesma coisa. Portanto, determinar o resto entre dois numeros, *diminuendo* e *subtrahendo*, significa tirar do primeiro uma parte igual ao segundo e vêr qual é a porção que fica restando; corresponde isto a separar no *diminuendo* duas partes de modo que uma seja igual ao *subtrahendo*, sendo a outra portanto o *resto*.

Resulta deste raciocinio o seguinte methodo natural e espontaneo para praticar-se esta operação : « tira-se do *diminuendo* tantas unidades quantas compõem o *subtrahendo* e as que sobram constituirão o *resto*. »

Portanto para acharmos o resto

entre o *diminuendo* 8 e o *subtrahendo* 5, ter-se-ha de tirar do *diminuendo* 8 cada uma das unidades que compõem o *subtrahendo* 5; assim tirando de 8 uma unidade ficam 7, tirando-se outra ficam 6, tirando-se outra ficam 5, tirando-se outra ficam 4, finalmente tirando-se outra ficam 3, que é portanto o que fica restando ou o *resto*.

Equivale isto a separar no 8 duas partes, uma igual a 5 que se tem de tirar e a outra que será o *resto*; assim fazendo ter-se-ha :

$$8 - 5 = 5 + 3 - 5 = + 3$$

Si o *diminuendo* e o *subtrahendo* forem iguaes, seguindo-se o mesmo methodo, ter-se-ha para *resto* zero, isto é, nada restará; e a operação indicarse-ha do seguinte modo : $+ 5 - 5 = 0$.

Si, porém, for o *diminuendo* menor que o *subtrahendo*, tornar-se-ha incomprehensivel por absurda a definição que analysamos e inteiramente impraticavel o methodo espontaneo que della decorre, pois que tendo-se de tirar do primeiro uma parte igual ao segundo, não se o pode fazer por ser impossivel tirar-se de um todo mais do que elle contem, ou ainda separar-se nelle uma parte maior do que elle proprio. Corresponde isto a pretender-se possuir o que não existe; é a mesma exigencia de uma criança que quer forçosamente mais queijo, tendo-se acabado o queijo, ou que exige duas laranjas quando só existe uma.

Vejamos pois como se deve praticar e entender esta pretendida operação, que o bom senso claramente manifesta ser impossivel e como deve ser interpretado o seu resultado.

Seja 5 o nosso *diminuendo* e 8 o *subtrahendo*. Seguindo-se o mesmo methodo espontaneo anteriormente exposto, ter-se-hia que tirar do *diminuendo* 5 cada uma das unidades do *subtrahendo* 8; acontece porém que tiradas as 5 unidades nada mais existe ficando entretanto faltando tirar-se ainda tres unidades.

Longe pois de dar-se a um tal resultado e nome de resto, que é aquillo que sobra de um todo donde se tirou uma certa porção, deve-se-lhe chamar desfalque, para exprimir que faltando tirar-se ainda alguma coisa, já não ha mais de onde se tire por se ter esgotado o mesmo todo, que assim estava desfalcado, isto é, não era tanto quanto se pretendia que o fosse.

Não ha duvida alguma que esse numero de unidades que falta tirar-se, é um resto, mas não do *diminuendo* e sim do *subtrahendo*, pois não foi o *diminuendo* que por esta fórmula ficou separado em duas partes, uma igual ao *subtrahendo*, e a outra determinando o *resto*; ao contrario, foi o *subtrahendo* que ficou decomposto em duas partes, uma que se tirou do *diminuendo* e igual a este, e a outra indicando quanto ficou faltando tirar; parte esta que portanto, deve permanecer affectada do mesmo signal indicativo do todo de que fazia parte, isto é, do signal (—) para que assim fique indicada qual a operação que se teria ainda de praticar, caso fosse possivel continual-a.

Eis o calculo correspondente ao raciocinio que acabamos de fazer :

$$5 - 8 = 5 - 5 - 3 = - 3$$

Do exposto se vê que houve completa inversão de papeis, servindo o *subtrahendo* de *diminuendo* e o *diminuendo* de *subtrahendo*; assim como invertido foi o sentido do resultado que, em vez de ter sido um excesso do di-

minuendo sobre o *subtrahendo*, foi ao contrario um excesso deste sobre aquelle, isto é, em vez de um *resto* ou sobra, encontra-se um desfalque do *diminuendo*.

Ora, essa inversão de papeis entre os dois termos da subtracção, que redundou em correspondente inversão ou opposição de sentido do resultado, que em vez de *resto* foi *desfalque*, precisa ficar por qualquer fórmula assignalada, afim de que em todo o tempo se saiba a qual dos dois termos pertence o *resto*, isto é, em qual dos dois é que houve a sobra relativa de um sobre o outro; e nenhum signal melhor se presta para isso do que o proprio signal que por convenção é anteposto ao *subtrahendo* e que portanto deve permanecer anteposto á parte delle que ainda faltou tirar-se do *diminuendo*, por se ter este esgotado.

Eis ahi pois uma dupla significação do signal (—) collocado antes de qualquer quantidade: indicar uma subtracção que não foi completada por se ter esgotado o *diminuendo*, e ao mesmo tempo a inversão de papeis entre os dois termos, e consequente opposição de sentido do resultado que, em vez de um *resto* é um *desfalque*.

Longe pois de servir o signal (—) para designar uma quantidade menor do que zero, o que seria absurdo, serve para designar a parte restante entre duas quantidades que foram comparadas, mas tendo sido tomadas em sentido contrario do indicado pela definição: isto é, em vez de indicar um *resto* (excesso do *diminuendo* sobre o *subtrahendo*), indica um *desfalque* (excesso do *subtrahendo* sobre o *diminuendo*). Assim o signal + anteposto a qualquer quantidade indica uma sobra ou *resto*, e o signal — indica uma falta ou *desfalque*.

Mas para que a definição possa ser applicavel a todos os casos será preciso modificál-a do seguinte modo: « Subtracção é a operação que tem por fim determinar o *resto* ou o *desfalque* entre dois numeros chamados: o primeiro *diminuendo* e o segundo *subtrahendo*.

Passemos a examinar agora a mesma operação tendo em vista a definição referente ao vocabulo *excesso*: « A subtracção é a operação que tem por fim determinar o *excesso* de um numero chamado *diminuendo*, sobre outro chamado *subtrahendo*. »

Desta definição decorrem naturalmente dois novos methodos espontaneos para chegar-se ao resultado, os quaes consistem: o primeiro em fazer-se decrescer o *diminuendo* até tornal-o igual ao *subtrahendo*; e o segundo, ao contrario, em fazer-se augmentar o *subtrahendo* até igualal-o ao *diminuendo*.

Pelo primeiro ficará determinado quanto havia de *excesso* no *diminuendo* sobre o *subtrahendo*; e pelo segundo qual o desfalque do *subtrahendo* ante o *diminuendo*; excesso e desfalque estes, sem duvida iguaes porque o que sobra num é justamente quanto deve faltar no outro, para que fossem iguaes (1)

Vejamos agora o caso em que o *diminuendo* é menor do que o *subtrahendo*; e sejam ainda 5 o *diminuendo* e 8 o *subtrahendo*.

Incomprehensivel e absurda tor-

(1) Em seguida o autor toma dois casos: 1º minuendo, subtrahendo; 2º minuendo = subtrahendo, que não transcrevemos por não ser preciso.

na-se ainda a mesma definição, pois que, exigindo ella que se determine o excesso do *diminuendo* sobre o *subtrahendo*, é isto impossivel porque, ao contrario, o *subtrahendo* é que excede ao *diminuendo*.

E nenhum dos dois methodos espontaneos decorridos desta definição pode ser applicado ao caso vertente; pois consistindo o primeiro em fazer decrescer o *diminuendo* para igualal-o ao *subtrahendo*, será isto impossivel porque o *diminuendo* já sendo menor que o *subtrahendo* só poderá igualal-o augmentando e não diminuindo; do mesmo modo será impossivel applicar o segundo methodo, que consiste em augmentar o *subtrahendo* para tornal-o igual ao *diminuendo*, pois que, já sendo aquelle maior do que este, só poderá igualal-o decrescendo e nunca augmentando.

Para chegar-se ao resultado, pois, será necessario ainda inverterem-se os papeis dos dois termos, passando o *diminuendo* a ser *subtrahendo*, e o *subtrahendo* a ser *diminuendo*; tornando-se então applicaveis os dois methodos acima explicados.

Necessario pois torna-se o emprego de um signal qualquer que denuncie esta inversão dos dois termos da subtracção, e bem assim a consequente inversão de sentido do resultado que, em vez de ser um excesso do *diminuendo* sobre o *subtrahendo*, é ao contrario um excesso deste sobre aquelle, isto é, um *desfalque* do *diminuendo* em vez de um *excesso*.

E nenhum signal se presta melhor para isto, como já vimos, do que o proprio signal da subtracção, que indicará ao mesmo tempo qual a operação donde proveio aquelle resultado, operação que teria de ser continuada caso fosse maior o *diminuendo*.

Necessario tambem se torna modificar a definição no intuito de tornal-a applicavel a todos os casos, quer o *diminuendo* seja maior, igual ou menor que o *subtrahendo*, não devendo ella de modo algum dar a perceber nada sobre o tamanho relativo dos dois termos da subtracção.

Assim, não será conveniente empregar-se na definição os vocabulos *resto* e *excesso* porque dão a perceber por sua significação, ser o *diminuendo* maior que o *subtrahendo*; e bem assim o vocabulo *desfalque* que exprime, por sua vez, ser o *diminuendo* menor que o *subtrahendo*.

Será pois preferivel o vocabulo *diferença*, que significando aquillo em que duas cousas differem, de modo algum revela qual das duas contém ou deixa de conter o predicado que constitue essa diferença; podendo pois servir perfeitamente, quer para o caso do *diminuendo* maior, quer menor, do que o *subtrahendo*, e até para o caso de serem iguaes, pois, dizendo-se que *diferença* é zero, tem-se dito que não ha *diferença*.

A melhor definição portanto, será a seguinte:

« Subtracção é a operação que tem por fim determinar-se a *diferença* entre dous numeros chamados o primeiro *diminuendo* e o segundo *subtrahendo*. (1)

(1) Aqui faz o autor a seguinte nota: Do exposto se vê que não é bastante apropriada a denominação de *diminuendo* dada ao primeiro termo da subtracção, pois que, trazendo a idéa de quantidade a diminuir, dá a perceber ser esse termo maior do que o segundo (subtrahendo).

E por isso mesmo que o vocabulo *diferença* pode indistinctamente ser usado quer para o caso do *diminuendo* maior que o *subtrahendo* e quer para o em que seja menor, necessario se torna o emprego dum signal qualquer por meio do qual em todo o tempo se saiba, se foi uma ou a outra destas circumstancias que teve lugar.

E como a *diferença* é uma parcella do *diminuendo*, no caso de ser elle maior que o *subtrahendo*, deve continuar affectada do mesmo signal do todo de que fazia parte, isto é, do signal +; do mesmo modo sendo a *diferença* uma parte do *subtrahendo*, no caso em que este é maior que o *diminuendo*, deve permanecer com o mesmo signal convencionado para designar o subtrahendo, isto é, do signal —.

Portanto sempre que uma quantidade estiver affectada do signal + deve-se subentender que ella é um *resto*, isto é, o resultado de uma subtracção em que o *diminuendo* é maior do que o *subtrahendo*; e sempre que estiver uma quantidade affectada do signal (—) deve-se subentender a idéa opposta, isto é, que essa quantidade é um *desfalque* do *diminuendo* ante o *subtrahendo*, ou, o que é o mesmo, um excesso deste sobre aquelle.

Observemos agora que, neste detido estudo que acabamos de fazer da subtracção em seus diversos casos do *diminuendo* maior, igual, e menor que o *subtrahendo*, operamos sempre sobre numeros abstractos, jamais nos referindo á nenhuma especie particular de grandezas, e que portanto, são genericas, isto é, applicaveis a quaesquer grandezas, as conclusões a que chegamos.

Assim, qualquer que seja a especie de grandeza considerada, o signal + anteposto a ella indicará que ella é um excesso, e o signal — que é um desfalque (isto é, sempre uma opposição de sentidos, qualquer que seja a especie de grandeza de que se tratar) exprimindo por sua vez, o zero que não existe nem excesso, nem *diferença*.

Se por exemplo tratarmos de quantias á receber e á pagar, sendo as primeiras affectadas do signal +, as segundas terão o signal —, indicando então o zero que nada se têm á receber nem a pagar

si a quantidade affectada do signal + for uma força que impelle, indicará o signal — uma força que puxa, e o zero exprimirá a não existencia de força alguma quer empurrando e quer puxando...

Eis a maneira pittoresca pela qual o illustre Dr. Faustino comprehende e desenvolve a theoria dos negativos. E' na verdade uma theoria interessante; mas só pode ser aceita pela criança que forçosamente quer mais queijo quando já não ha mais queijo. Apezar do titulo desse trecho transcripto prometter nos dar a origem das quantidades negativas, as quaes, segundo o autor, surgiram na arithmetica da subtracção entre numeros inteiros, todos ficamos sabendo que os numeros positivos tambem surgiram da subtracção, e é por por isso que todo numero ou grandeza positiva significa um *resto*. Esta genese é na verdade interessante.

A conclusão a que chegou o illustre auctor, dando o vocabulo *diferença* como o que mais convém para caracterisar o fim da subtracção entre duas coisas, pelo motivo de não revelar qual dellas contém ou deixa de conter o predicado que constitue a *diferença*, é um destes assertos que escapam á critica mais acurada. O auctor accentuando

a impropriedade dos termos *resto*, *excesso* e *diminuendo*, em se tratando da subtracção, parece querer antes regeitar esses termos, é reformar a definição de subtracção, do que apresentar o modo pelo qual surgiu a noção de negativos. Na impossibilidade da applicação dos methodos naturaes ou espontaneos que decorrem da definição de subtracção, e apezar de incomprehensivel uma tal operação, no caso de ser o minuendo menor do que o subtrahendo, o citado autor conseguiu, entretanto, effectuar a operação isto é, remover a difficuldade criada pelo bom senso, invertendo os papeis dos termos da subtracção, o que dá em resultado passar o minuendo a ser subtrahendo, e vice-versa. Com este expediente, consegue a mathematica o que a razão repele e o resultado é um numero negativo!

Estes numeros são, portanto, oriundos de uma impossibilidade e de um artificio. Entretanto, si a impossibilidade em que se encontra o espirito para resolver uma subtracção, quando o subtrahendo é maior do que o minuendo, leva a se tomar este para subtrahendo e aquelle para minuendo, fica tambem evidente que os casos da subtracção só se podem reduzir a dois: 1º igualdade dos termos da subtracção; 2º superioridade do minuendo sobre o subtrahendo. No primeiro caso teremos um resto nullo, ou não teremos resto; no segundo teremos um resto positivo, que significa o *excesso* do minuendo sobre o subtrahendo ou a *diferença* entre este e aquelle. Tentando um terceiro caso—de subtracção—aquelle em que o subtrahendo é maior do que o *diminuendo*, o illustre auctor, se viu na contingencia de recahir no segundo caso aquelle em que o minuendo é maior do que o subtrahendo—, isto é, foi levado a considerar minuendo o que era subtrahendo, e vice-versa, mas não chegou a um resto, que devia marcar o *excesso* ou a *diferença* entre o numero que na verdade devia ser o minuendo e aquelle que verdadeiramente devia ser o subtrahendo. Achou, sim, um *desfalque* do seu minuendo ante o seu subtrahendo; mas, uma vez que foi obrigado a fazer aquella substituição, renunciou á these em questão por absurda, e reconheceu que só ha resto na subtracção quando se verifica o segundo caso. No seu terceiro caso não ha um resto positivo. Ora, se quem procura a *diferença* entre os numeros positivos + 5 e + 8, operação que se indica pela forma:

$$5 - 8$$

é levado pelo artificio a inverter os termos desta subtracção, e chega á conclusão de que só de 8 é que se póde tirar 5 o que se exprime pela forma:

$$8 - 5,$$

deveria chegar ao resultado + 3 e não ao *desfalque* — 3.

Mas o illustre autor chegou a este *desfalque*, porque para elle:

$$5 - 8 = 5 + (-8) = +(-5-3) = 5-5-3 = -3,$$

isto é, o autor citado admite o principio de que $a - b = a + (-b)$, que decorre de se considerar um negativo menor do que zero e tanto menor quanto fôr o seu valor absoluto. E' verdade que não sabe a origem de tal principio, tanto assim que o considera uma convenção, quando diz que o signal — é o convencionado para designar o *subtrahendo*. Em subtracção da forma 5 — 8 tanto o minuendo como o subtrahendo é positivo e o signal convencionado para designar o subtrahendo que é positivo é o signal +, servindo neste caso o signal — unicamente para designar a relação em que se acham os numeros 5 e 8, ou para indicar a operação que sobre elles se deve effectuar.

Já dissemos em outro capitulo que na hypothese que nos occupa a operação se effectua da seguinte forma:

$$5 - 8 = 5 - (5 + 3) = 5 - 5 - 3 = 0 - 3$$

no caso de se effectuar a operação como é

indicada, isto é, na hypothese de se querer tirar de um numero outro maior, o que dá no segundo membro da expressão final

$$5 - 8 = 0 - 3$$

um absurdo da mesma natureza que o encerrado no primeiro membro da expressão, ou na hypothese.

No caso de se inverterem os termos o que dá :

$$8 - 5$$

já dissemos que o resultado só pode ser da forma :

$$8 - 5 = 5 + 3 - 5 = + 3$$

Já dissemos também que, se feita a inversão dos termos da subtracção, o subtrahendo ainda conservar-se *negativo*, a operação só poderá ter a seguinte form :
 $- 8 + 5 = - 8 + 5$,

isto é, nós teremos uma somma entre duas quantidades de signaes contrarios, que de accordo com o precu'sor da Synthese Subjectiva, só pode dar uma somma e não uma differença, isto é, o resultado daquella operação é igual ao numero que em valor absoluto representa a somma dos dois.

O recurso do *desfalque*, tão mal aplicado ao caso, e que, no dizer do auctor, é um *resto*, não do *diminuendo* e sim do *subtrahendo*, sendo motivado pela completa inversão dos termos da subtracção, deixa perfeitamente prever onde quer elle chegar. Visa na verdade a opposição de sentido de que muitas grandezas são susceptiveis, e é por isso que diz que foi *invertido o sentido do resultado*. Melhor suas idéas se accentuam quando claramente affirma, que operou sempre sobre numeros abstractos, no estudo que fez da subtracção, jamais se referindo a nenhuma especie particular de grandezas, e por isso se achava com o direito de dizer que si a quantidade affectada do signal + for uma força que impelle, o signal - indicará uma força que puxa. Mas si o numero negativo é um *desfalque*, a força negativa é uma força que *falta*, e não comprehendemos como uma tal força possa imprimir um movimento.

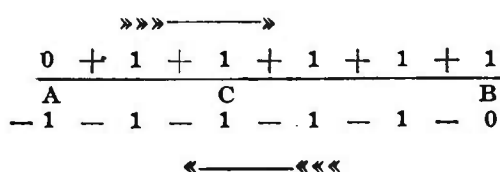
A taes absurdos devem chegar aquelles que, como o illustre professor, partem do abstracto para o concreto, e estabelecem uma theoria de numeros, apezar de quererem tornar as coisas tão claras, que examinando detidamente o melhor vocabulo que deva caracterisar o fim da subtracção sejam levados a modificar sua definição no intuito de tornal-a applicavel a todos os casos, não devendo ella de modo algum dar a perceber nada sobre o *tamanho relativo* dos termos da subtracção, subtracção que elles effectuaram sobre numeros abstractos.

2. Uma vez mostrada a maneira pela qual o dr. Faustino fez surgir os negativos, desde a arithmetica, da subtracção dos numeros inteiros, acompanhemos o illustre autor em suas idéas complementares. Diz elle, seguindo o trecho que acima transcrevemos :

« Para melhor comprehensão do que fica exposto procuremos representar geometricamente o resultado da subtracção em cada uma das tres hypotheses consideradas: do *diminuendo* maior, igual ou menor que o *subtrahendo*.

Seja a recta A B (fig. 1^a) o nosso diminuendo; supponhamol-a composta de cinco unidades medidas sobre a dita recta á partir de A e na direcção de A para B, isto é, da esquerda para a direita, sendo portanto A o nosso ponto de partida ou *origem* e B o *extremo*.

Fig. 1



E' claro que esta recta deve ser representada pelo numero 5 affectado do signal +, por que foi formada pela *addição* successiva de unidades, á partir da origem até o extremo, pois é este o signal convencionado para indicar-se a *addição*.

Assim teremos

$$A B = 1 + 1 + 1 + 1 + 1 = + 5$$

Se agora partirmos do *extremo B* em direcção á *origem*, isto é, da direita para a esquerda, retrocedendo por tanto, e formos supprimindo cada uma das unidades ha pouco medidas, corresponderá isto á irmos subtrahindo successivamente da mesma recta cada uma de suas componentes unidades; e si pararmos no ponto C, distante de B tres unidades, corresponderá isto a termos subtrahida 3 das 5 unidades que compunhão a mesma recta.

Este numero 3 deverá pois ser affectado do signal - que é o convencionado para ser anteposto ao subtrahendo.

$$\text{Assim } B C = - 1 - 1 - 1 = - 3$$

E notemos de passagem que, estas 3 unidades affectadas do signal menos e que constituem o nosso *subtrahendo*, foram medidas á partir de B para A, isto é, em sentido contrario ás do *diminuendo* 5.

Feita esta suppressão ou subtracção, nota-se que ficou restando um segmento composto de duas unidades, tendo ainda a mesma *origem* A e cujo *extremo C* está ainda á direita da origem, isto é, na mesma direcção da recta A B da qual fazia parte o mesmo segmento, o qual portanto deve permanecer affectado do signal +.

Toda esta operação poderá ser assim representada :

$$A B - B C = A C + C B - B C = A C$$

Ou substituindo estes diversos segmentos por seus valores numericos :
 $+ 5 - 3 = + 2 + 3 - 3 = + 2$.

Se agora continuarmos a mesma operação até termos supprimido também as duas unidades do segmento restante, chegaremos novamente ao ponto de partida ou origem e teremos :

$$A B - B A = 5 - 5 = 0$$

Do exposto se vê que, tomando-se sobre uma recta um ponto para origem e seguindo-se dahi em direcção a outro ponto considerado *extremo*; o resultado da medição, correspondendo a uma *addição* de unidades, deve ser representado pelo signal +; e ao contrario partindo-se do extremo em direcção á *origem*, deve-se representar o numero de unidades assim medidas affectado do signal -, porque o que justamente se faz é uma subtracção; e então a origem deve ser representada por zero, significando a extincção da recta ou grandeza considerada.

Notamos que, estando o ponto *extremo* collocado á direita da origem a medição da recta se fez da esquerda para a direita, e a subtracção em sentido contrario, isto é, da direita para a esquerda; si porém o ponto *extremo* estivesse a esquerda da origem, a medição da recta se faria da direita para a esquerda, e a subtracção da esquerda para a direita; em qualquer dos casos porém o primeiro resultado (quando se parte da origem para o *extremo* terá o signal + porque é uma *addição* de unidades) e o segundo (quando se parte do extremo para a origem) o signal - porque corresponde a uma subtracção; ficando assim a fixação destes signaes dependente de uma previa fixação de qual das duas ex-

tremidades da recta se considera origem e qual a escolhida para extremo; mas uma vez feita esta escolha não é mais permittido mudal-a, porque occasionaria completa inversão dos resultados.»

Eis na opinião do autor, como o principio cartesiano surge da subtracção, isto é, como as grandezas contadas a partir da origem são affectos do signal + e como as que partem do extremo são affectas do signal -.

Descartes não pensou em tal coisa e si tal pensasse não teria feito mais do que representar geometricamente a operação chamada subtracção, que muito antes delle já havia sido feita. E si tal pensasse, o seu principio seria enunciado da seguinte forma :

Si sobre uma recta fixa tomarmos dois pontos fixos, um chamado origem e outro extremo, as grandezas contadas da origem para o extremo serão positivas, si as contadas deste para aquella forem negativas, o que é na verdade muito differente do principio que enunciou para vencer a difficuldade que se lhe apresentou ao fundar sua Geometria.

O illustre autor que estudamos representou *geometricamente*, no seu dizer, os dois casos da subtracção, que já no dominio abstracto lhe fez surgir a noção de negativos, com a differença que neste dominio as quantidades affectas do signal + provinham de uma subtracção e significavam um *resto*, ao passo que geometricamente aquelle signal serve para representar o resultado de uma medição que corresponde a uma *addição* de unidades; da mesma maneira que os numeros negativos, provindo nos dois dominios da subtracção, representam no abstracto um *desfalque*, e no concreto uma subtracção.

Nota-se no trecho transcripto, que o autor apezar de ir preparando o espirito do leitor, para chegar a convicção de que os negativos significam geometricamente a opposição de sentidos, limita-se entretanto a caracterisar o *sentido contrario*, que define a subtracção, sem nunca falar no *sentido directamente opposto* que caracteriza os negativos, pelo que na verdade parece que só quiz representar geometricamente a subtracção. Suas idéas, porém ficarão melhor a descoberto quando tratarmos do caso da subtracção impossivel que representa também geometricamente.

Convem entretanto lembrar, que já o principio de Descartes é por elle invocado nos dois casos de subtracção que effectuou, de uma maneira, porém, bem diversa daquella pela qual o seu eminente autor o formulou. De facto, o dr. Faustino diz, na nota que termina o trecho acima, que é indifferente chamar-se positiva ou negativa a distancia que parte da origem para o extremo, ficando, entretanto, a fixação dos signaes + e - dependente de *prévia fixação de qual das duas extremidades da recta se considera origem e qual a escolhida para extremo, mas uma vez feita esta escolha, não é mais permittido mudal-a*. Bem diversa da concepção cartesiana, a concepção do autor é, entretanto, mais restricta, porque Descartes via a possibilidade de tomar-se para origem um ponto qualquer da recta, ao passo que o dr. Faustino só achou possivel considerar-se origem a extremidade da recta.

Quando o illustre dr. nota de passagem que as tres unidades affectadas do signal menos (no caso em que da recta cinco tirou a recta tres) e que constituem o subtrahendo, foram medidas á partir de B para A, isto é em sentido contrario ás do *diminuendo* 5, não fez applicação nem procurou interpretar o theorema de Descartes, porque apenas fez uma subtracção; mas quando em seguida dá a entender que tal operação leva ao mesmo theorema, e nota que ficou restando um segmento de duas unidades, tendo ainda a mesma origem A, e cujo *extremo C* está ainda á direita da origem, ensi-

